



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

WÉRLESON ALEXANDRE DE LIMA SANTOS

**O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL, A LEITURA LITERÁRIA E
A BIBLIOTERAPIA NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO**

Recife

2018

WÉRLESON ALEXANDRE DE LIMA SANTOS

**O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL, A LEITURA LITERÁRIA E
A BIBLIOTERAPIA NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S237b Santos, Wérleson Alexandre de Lima
O bibliotecário como mediador cultural, a leitura literária e a biblioterapia no tratamento da depressão / Wérleson Alexandre de Lima Santos. – Recife, 2018.
71f.: il.

Orientador: Hélio Márcio Pajeú.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia, 2018.

Inclui referências.

1. Biblioterapia. 2. Depressão. 3. Leitura literária. 4. Bibliotecário. 5. Mediação cultural. I. Pajeú, Hélio Márcio (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-13)

WÉRLESON ALEXANDRE DE LIMA SANTOS

**O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR CULTURAL, A LEITURA LITERÁRIA E
A BIBLIOTERAPIA NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 20/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Hélio Márcio Pajeú (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Celly de Brito Lima (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Sônia Aguiar Cruz Riascos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedicado a todos que convivem diariamente com algum transtorno mental e que por vezes pensaram em desistir.

À Giovanna Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Há muitos para quem eu gostaria de agradecer. Primeiramente, agradeço a minha mãe, pelo apoio e por termos enfrentados juntos todas as adversidades que nos acometeram nesses anos de graduação. Agradeço por sempre acreditar em mim, sempre ver que eu sou capaz, pelo esforço para me dar uma educação de qualidade tendo em vista as dificuldades que enfrentou quando criança, tendo que abandonar os estudos aos 14 anos para ter que trabalhar e cuidar das irmãs, mas que mesmo anos depois voltou e concluiu. Sempre me mostrou a importância de dar o meu melhor e ser o melhor que eu pudesse, de me dedicar e de sempre fazer as coisas com amor; por sempre querer me ver progredir e crescer. Agora o filho de uma empregada doméstica é bacharel em uma universidade federal, e eu devo isso a toda a dedicação que ela teve para sempre me ver crescer e evoluir. Obrigado por me colocar no mundo e por me dar tudo para que hoje eu possa estar escrevendo estas linhas.

Em seguida, ao meu *squad bibliotrouxa* Marília, Catarina, Letícia e Anytha pelos momentos maravilhosos que vivemos nesses anos, os presentes artesanais, os milk shakes, as risadas, os choros e as lembranças que guardarei com amor e muita saudade.

A todos os bons amigos de curso que fiz durante esses anos: Cássia, Fabiana, Daniele, Kelly, Manoela, Bruna, Anderson e Jhoicykelly. Obrigado pelas risadas, pelos memes, pelos lanches nas barraquinhas, pelos trabalhos feitos desesperadamente, pelas xerox emprestadas e pela trajetória linda que construímos nesse período e a que construiremos no futuro.

Em especial, gostaria de destacar duas pessoas. Primeiramente Ísis, por ter me ouvido e me ajudado quando precisei, por ter me dado uma luz no momento de maior dificuldade deste trabalho, por ser um exemplo de profissional e de ser humano, por mostrar compaixão, dedicação, amor e zelo pelo que faz e pelas pessoas que a rodeiam. Obrigado por ser tão mãe às vezes e por sempre ser esse poço de amor e bondade que me faz querer te ter perto de mim para sempre.

Em segundo lugar, a Marcycleis, por simplesmente ter entrado na minha vida e ter se tornado minha parte oposta mais parecida. Pelos momentos de risadas e choros nos ônibus, corredores e monitoria; pelas conversas políticas, pelos debates inteligentes, pelos filmes indicados que vi e que ainda irei ver, pelas músicas sugeridas, pelo cheiro bom dos cabelos sempre que nos abraçamos, pelos momentos partilhados e por ter se tornado uma parte de mim. De que me serve um bolso curto se nele não cabe você?

Ao meu *squad Cabense*: Stefany, Adrielly, Ariane, Mateus, Taísa, Tâmis, Naiara e Diego, obrigado por estarmos juntos há tanto tempo e podermos partilhar este momento especial agora.

Um obrigado muito especial a Mayk, uma das melhores pessoas que entraram na minha vida durante esse tempo. Obrigado pelas conversas sobre a Gaga e sobre musicais, sobre a troca de ideias, por me apoiar e por me permitir te apoiar, pelas voltas para casa e por ter se tornado alguém para uma vida toda. Eu te amo e sou muito grato por ter te conhecido.

Um agradecimento especial à turma de Seminários de Leitura do semestre 2018.1, a qual eu fui monitor, por ter me fornecido uma das experiências acadêmicas mais gratificantes que tive. Sem dúvida, nossos momentos juntos influenciaram bastante no que escrevi aqui. Desejo uma vida cheia de sucesso para todos vocês.

Erik e Ewerton, por terem se disposto a me ajudar e a me abrigar devido a compromissos com a universidade. Pelos momentos na cozinha, pelos bolos que deram errado, pelos bolos que deram certo, pelos filmes inacabados e por terem se tornado amigos queridos.

À equipe do Arquivo Público de Pernambuco pelos ensinamentos e por ter me permitido me conhecer enquanto ser humano, enquanto profissional e pela experiência que guardo com apreço. A Marcos, pelos conselhos, debates, pelas brincadeiras, pelas conversas, pelas risadas e por ter se tornado um amigo.

Da mesma forma, a todos da biblioteca do Tribunal de Contas de Pernambuco pelo ano maravilhoso que passei com vocês - uma experiência engrandecedora. Agradeço especialmente a Cida, por ter me ensinado muito, ter acreditado em mim e pelos doces; a Sandra, pelas risadas, pelos micos, por ter sido um amor comigo desde o primeiro dia e pelas caronas; a Socorro, por ter me mostrado o que é ser um bibliotecário gestor, por ter me inspirado, por ter acolhido minhas ideias e sempre se mostrar aberta a inovações, e por ser uma referência para mim sobre o que é liderança. Mas, acima de tudo, a Fernanda, por ter sido a melhor parceira de estágio que eu poderia pedir e por termos embarcados nas ideias loucas um do outro. Somos a prova de que Câncer e Capricórnio formam mesmo a melhor dupla do zodíaco. Espero ansioso para nos reencontrarmos no futuro.

A todos meus professores, do Ensino Fundamental ao Médio, por sempre me incentivarem e por sempre terem acreditado que eu teria um futuro brilhante mesmo que eu não colocasse muita fé nisso; pelos ensinamentos, por terem ajudado a constituir o que sou hoje e por terem sido parte fundamental na minha formação enquanto cidadão e membro de

uma comunidade. Rosemberg, Priscila, Karinine, Bernardo, Botelho, Débora, Fátima, Rômulo, Alcy, e todos os outros. Muito obrigado.

Também, a todos os professores e funcionários do Departamento de Ciência da Informação por terem sido tão receptivos e por terem formado o profissional que irei me tornar. Guardo com muito afeto nossos momentos e digo que com certeza nos encontraremos bastante ainda no futuro.

A meu orientador e amigo Hélio Pajeú, por ter me inspirado e mudado minha vida. Por ser a real razão de eu ter decidido permanecer em Biblioteconomia e não mudar para Cinema (que era minha primeira opção), e por ter me inspirado para encontrar o tema e estar escrevendo este trabalho. Pelas orientações que quase eram sessões de terapia, pelos momentos que passamos juntos no Rodas e na disciplina de Seminários de Leitura, por todo o trajeto de escrita deste estudo, por mostrar como trabalhar com amor e dedicação e por ter sido o melhor orientador que eu poderia ter.

Por fim, a Geovani, meu amor. Muito obrigado pelo carinho que você me deu durante esses anos. Você foi uma das melhores coisas que me aconteceu nesse curso e eu sou eternamente grato por você ter me encontrado perdido no corredor naquele nosso primeiro dia de aula. Muito obrigado por me ouvir, por acreditar em mim quando nem eu mesmo acreditava, por ver a beleza em mim em lugares que eu não conseguia ver, por ter me dado segurança, afeto, compreensão, alegria e por ter ficado ao meu lado nos meus momentos de maior dificuldade. Eu quero viver contigo e construir um futuro juntos. *Ninguém vai poder querer nos dizer como amar.*

Esta trajetória foi feita com vocês, e não poderia ter sido melhor.

*O papel é morto se não há palavras
A tinta é inativa se não há poema
Todo o mundo é morto se não há histórias
Se não há amor e beleza que desarme*

Song of Myself – Nightwish

RESUMO

A pesquisa se configura como teórica, bibliográfica, documental e de caráter exploratório. Traz discussões com o objetivo de refletir o bibliotecário enquanto mediador cultural e de leitura, e a biblioterapia e a leitura literária como auxílio no tratamento da depressão. Com os objetivos específicos de realizar um panorama introdutório acerca da depressão, juntamente com dados estatísticos de níveis globais e internacionais sobre o mesmo tema; discutir a leitura enquanto direito e um elemento sociopolítico ideológico, da mesma forma que a literatura sob a ótica dialógica de Bakhtin; a mediação cultural e a mediação de leitura para a promoção de um autoconhecimento e compreensão do mundo externo, assim como a biblioterapia e a leitura restauradora como maneira de acalantar sujeitos em sofrimento; e por fim busca realizar uma análise do Projeto Político Pedagógico Curricular do curso de Biblioteconomia da UFPE para o perfil 0406 a respeito da sua formação de bibliotecários mediadores culturais e biblioterapeutas. A pesquisa constata que há possibilidades para que a leitura sirva como elemento de reabilitação social para sujeitos acometidos com depressão, além disso, ela também observa que os bibliotecários necessitam despertar para sua função social e como mediadores culturais, bem como são apontadas ações de promoção da saúde mental em bibliotecas e novos horizontes de pesquisa no que concerne ao tema.

Palavras-chave: Biblioterapia. Depressão. Leitura literária. Bibliotecário. Mediação cultural.

ABSTRACT

The research is defined as theoretical, bibliographic, documentary with an exploratory approach. Its discussions aim to think the librarian as a cultural and reading mediator, the bibliotherapy and literary reading as a helper in depression treatment. With the specific objectives of making an overview about depression, along with statistics data of a global and national approach; to discuss the reading act as a right and as a ideological sociopolitical element, as also discusses the literature under Bakhtin's dialogical lance; the cultural mediation and reading mediation to promote the self-knowledge and understanding of the outside world, along with the bibliotherapy and the restoring reading as a manner to ease the pain of those who suffer; and, finally, aims to make an analysis on Political Pedagogic Program of UFPE's Library Science course's 0406 profile about its education on cultural mediator librarians and bibliotherapists. The research finds that there are possibilities that the reading act works as an element of social rehab to individuals diagnosed with depression, and also, it finds that librarians need to awake to their social role and as cultural mediators. In the end it is suggested actions of mental health promotion in libraries and new research horizons about this theme.

Keywords: Bibliotherapy. Depression. Literary reading act. Librarian. Cultural mediation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de episódios e sintomas da depressão.	21
Quadro 2 - Disciplinas de mediação de leitura e cultural.....	56
Quadro 3 - Disciplinas para desenvolvimento da Biblioterapia.	58
Quadro 4 - Disciplinas de demais cursos da UFPE - Campus Recife.	63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Índice de suicídios, por idade e renda do país (em milhares).	23
Figura 2 - Índice de prevalência de depressão em países da América.	24
Figura 3 - Proporção de pessoas (18 anos ou mais de idade) com depressão.	25

LISTA DE SIGLAS

ACT	Terapia de Aceitação e do Compromisso
APA	American Psychiatric Association
BA	Ativação Comportamental
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CDU	Classificação Decimal Universal
CID	Classificação Internacional das Doenças
CVV	Centro de Valorização da Vida
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FAP	Psicoterapia Analítica Funcional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPC	Projeto Político Pedagógico Curricular
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Terapia Cognitivo-Comportamental
UA	Unidades de Acolhimento
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNIRIO	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 UM PANORAMA ACERCA DA DEPRESSÃO.....	19
2.1 Definição e sintomas	19
2.2 Diagnóstico e tratamento	21
2.3 A depressão no Brasil e no mundo	23
3 A LEITURA, A LITERATURA E O ATO DE LER	28
3.1 A leitura como um direito e um ato social, ideológico e político.	28
3.2 A literatura sob uma ótica dialógica	35
3.3 As práticas de leitura.....	39
4 MEDIAÇÃO E BIBLIOTERAPIA.....	42
4.1 Mediação cultural e mediação da leitura	42
4.2 Biblioterapia e a leitura restauradora	47
5 CONSTITUINDO UM MEDIADOR CULTURAL E DE LEITURA?.....	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Enquanto escrevia este trabalho, meu maior medo era de que algo desse errado. Ironicamente, o trabalho que vocês leem agora nasceu justamente de uma falha. A ideia original era fazer um Estudo de Usuários com pacientes diagnosticados com depressão em tratamento numa clínica de Recife, porém, por questões burocráticas, a pesquisa acabou sendo impedida, o que acabou resultando no presente estudo. No fim, é assim que a ciência é feita: com falhas, reescrituras, tentativas, retentativas, dedicação e uma pitada de medo das coisas darem errado. De certo modo, fico feliz que a ideia original não tenha sido possível de ser realizada, pois eu estou bastante satisfeito com os resultados que obtive nessa pesquisa.

O estudo tem por base a discussão de três assuntos principais. O primeiro deles é a depressão, um transtorno da mente com causas ainda não muito claras que afeta cerca de 4% da população mundial de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2015). O tratamento geralmente é à base de antidepressivos e, atualmente, há no mercado farmacêutico uma grande disponibilidade de drogas que atuam por meio de distintos mecanismos de ação, o que possibilita que, mesmo em quadros mais graves, o tratamento possa existir (NARDI, 2006). Contudo, ele não é feito de forma isolada, posto que leva em consideração os aspectos culturais, sociais, clínicos e pessoais de cada paciente, visto que a ação da depressão é diferente em cada indivíduo. Portanto, não se pode tratar um indivíduo em estado depressivo unicamente a base de remédios. É necessário um acompanhamento terapêutico e um olhar humano acerca do caso.

Os sintomas agem diretamente no humor do indivíduo, dificultando suas relações sociais e muitas vezes ocasionando o suicídio. No Brasil, estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2013) afirmam que pouco mais de 7% da população seja diagnosticada com a doença, que possui algumas políticas públicas para seu combate e para promoção da saúde mental, mas que ainda não se mostraram tão eficientes.

O segundo assunto trata da leitura como um direito de todo e qualquer cidadão, como um elemento socialmente condicionado e sujeito aos efeitos ideológicos por parte da sociedade. Bem como, trata da literatura enquanto elemento de diálogo com a realidade, também socialmente condicionada e sujeita aos efeitos ideológicos estabelecidos pela sociedade no decorrer da história, que refletem diretamente nas práticas de leitura da população e nos objetos de leitura que os sujeitos escolhem ler. A leitura e a literatura são atos

políticos, que sofrem efeitos da ação do Estado e que trazem efeitos diretos para a vida daqueles que estabelecem algum tipo de contato com elas.

O último tópico versa acerca da biblioterapia, cuja mecânica se concentra na realização de mediação de leitura para indivíduos sob algum tratamento clínico com a finalidade de proporcionar uma melhoria por meio da leitura literária.

A ferramenta de trabalho da biblioterapia é a leitura como forma de construir uma relação e proporcionar uma conversa e um lugar de escuta com o objetivo de emanar estímulos ao ser humano e incentivá-lo ao debate consigo mesmo, à autocompreensão e a (re)constituição da identidade. A biblioterapia não se limita a um indivíduo lendo para outro, ela transcende a esse pensamento e enraíza-se na ação de ler. Ela tem seu foco na relação dos pacientes com o texto, em que o biblioterapeuta é apenas um mediador.

Sendo assim, biblioterapia se define como atividade terapêutica na qual a leitura, seja intermediada ou seja direta, traz um efeito sobre o estado clínico do leitor por meio da ação direta na mente e nas emoções; e o texto lido se define como todo e qualquer conjunto de signos que o indivíduo consiga decifrar e que pertença a qualquer gênero em qualquer suporte e formato que lhe dê prazer e que lhe agrade, não necessariamente se prendendo a figura do livro. A biblioterapia é um instrumento humano que permite uma melhor interação e troca emocional do paciente com o mundo a sua volta.

Com tais cenários, um questionamento surge: como o bibliotecário pode atuar nas vertentes da mediação cultural e da biblioterapia para ajudar no tratamento de pessoas diagnosticadas com depressão? Foi a partir dele que a pesquisa se reconfigurou e tomou forma.

Tais questionamentos me fizeram olhar para minha própria formação. Durante meu período de graduação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pude observar o tratamento que o curso de Biblioteconomia dá em relação à leitura em sua grade curricular. O bibliotecário é formado para ser um catalogador, classificador e indexador e atuar de modo eficiente em bibliotecas universitárias. É abordado como devemos tratar os livros, mas não é visto muita coisa em relação à leitura em si; este assunto é deixado a cargo de alguns poucos projetos de extensão e a uma única disciplina no primeiro período da graduação, chamada Seminários de Leitura. Sobre isso, Pajeú (2016), ao analisar o perfil em vigor na UFPE em 2012, constatou que havia outras disciplinas, além da já mencionada, que poderiam tratar acerca da leitura “sob um viés da constituição da subjetividade” como História dos Registros

do Conhecimento e Tipologias de Bibliotecas, porém, ambas as disciplinas não focam diretamente sobre tal temática.

Torna-se ainda mais preocupante este tipo de tratamento, visto que na própria Classificação Decimal Universal (CDU) há uma classe dentro da área de Biblioteconomia que dá conta de reunir livros que tratem sobre o ato de ler (028.01 – Gosto, paixão pela leitura e 028.02 – Psicologia da leitura. Inclusive relações entre o leitor, o autor e obra.). O bibliotecário está sendo tratado como um profissional da técnica e não como um agente de mudança social que ele é, “uma vez que o bibliotecário deve se constituir como um mediador da cultura e da informação” (PAJEÚ, 2016).

Uma das coisas que mais me encantou dentro da Biblioteconomia, e que foi um dos motivos de ter me apaixonado pelo curso, foi a biblioterapia. Conheci um pouco dentro dessa disciplina, e foi lá que a ideia original para esta pesquisa germinou pela primeira vez durante uma aula sobre mediação de leitura. Após isso, fiz parte de um projeto de leitura nos leitos do Hospital das Clínicas da UFPE e pude ver na prática o poder que a leitura tem em trazer conforto. Logo, creio que é mais do que necessário incentivar as discussões acerca de leitura e biblioterapia dentro da área, mostrando que esses são assuntos que merecem uma maior atenção por parte do bibliotecário e que são temas extremamente importantes no que se refere ao dever social desse profissional.

Já existem alguns estudos dentro da área que comprovam a relevância da biblioterapia como, por exemplo, Bentes Pinto (2005) nos mostra ao relatar diversas experiências com o tema realizadas no Brasil, tanto em questões práticas nos hospitais, quanto em questões acadêmicas. Além disso, Alves (2017) nos mostra também a bem sucedida criação de uma disciplina sobre biblioterapia no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), pelo qual afirma que, mesmo tímido, o assunto é debatido na área e necessita de mais produções nacionais sobre o mesmo.

Em relação a ter escolhido a depressão como ponto de partida, eu possuo transtorno de ansiedade e sei como é ter algo em sua mente impedindo sua interação com as pessoas e os seus sentimentos consigo mesmo; além de também ter pessoas em meu ciclo social que possuem depressão e já ter visto de perto como esse transtorno é cruel e perigoso. Como futuro bibliotecário, creio que este é um assunto que não deve ser ignorado pela área, já que nós temos um grande poder de transformação.

Minha esperança com essa pesquisa é chamar atenção da comunidade bibliotecária para a importância da leitura como assunto a ser tratado de maneira mais séria, bem como da

importância do incentivo a biblioterapia, que deveria receber uma maior atenção por nossa parte, mostrando assim que ela é uma ferramenta poderosíssima que nós estamos deixando em segundo plano. Ser bibliotecário é mais do que guardar livros.

Destarte, o objetivo geral da pesquisa é refletir o bibliotecário como mediador cultural e a leitura literária no processo de biblioterapia como auxílio no tratamento de transtorno de humor depressivo. Quanto aos específicos, ela visa realizar um panorama introdutório acerca da depressão e suas características; discutir a leitura literária e suas práticas sob uma perspectiva dialógica como um direito de todos; refletir as relações de mediação de leitura nas práticas de biblioterapia, bem como caracterizar e avaliar a formação do bibliotecário como mediador cultural e de leitura pela Universidade Federal de Pernambuco.

Para cumprir tais objetivos, fez-se uma pesquisa exploratória com o “propósito [de] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas [...] a construir hipóteses” (GIL, 2010, p.27); definida por ser teórica que “é aquela que monta e desvenda quadros teóricos de referência” (DEMO, 1985, p. 23), e de caráter bibliográfico e documental por ser “elaborada com base em material já publicado” (GIL, 2010, p. 29) e por realizar uma análise no Projeto Político Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Biblioteconomia da UFPE referente ao perfil 0406.

Sendo assim, o trabalho a seguir se divide em quatro capítulos no qual o primeiro irá realizar uma abordagem acerca das características da depressão e dados estatísticos referentes ao assunto; o segundo se propõe a realizar um debate teórico sobre leitura enquanto direito e elemento social, político e ideológico, bem como da leitura literária dialógica como produção de sentidos e suas práticas. O terceiro capítulo irá abordar a mediação cultural e de leitura e a ação biblioterapêutica, e, por fim, no capítulo quatro será realizada a análise do PPC de Biblioteconomia da UFPE tendo em vista a formação do bibliotecário biblioterapeuta.

2 UM PANORAMA ACERCA DA DEPRESSÃO

2.1 Definição e sintomas¹

A depressão pode ser definida como “um complexo sindrômico caracterizado por alterações de humor, de psicomotricidade e por uma variedade de distúrbios somáticos e neurovegetativo” (CANALE; FURAN, 2006 *apud* ASSUMPÇÃO-JUNIOR, 1998). Sua origem e causa ainda são incertos, mas acredita-se que a depressão seja o resultado de uma mistura de fatores biológicos, psicológicos, bioquímicos, genéticos, ambientais e sociais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018; NARDI, 2006). Deve-se ter em mente que existe uma grande diferença entre tristeza e depressão; a tristeza é uma resposta natural a algum evento e é comum a todos os seres humanos, de forma que até mesmo “deprimidos conseguem “sentir” tristeza e apontam, com exatidão, as diferenças existentes entre tristeza e depressão” (NARDI, 2006, p. 63), já o segundo é um transtorno da mente e, portanto, uma condição clínica que engloba diversos sintomas que vão além do simples “humor triste”.

Existem algumas maneiras de se identificar os sintomas da depressão, uma delas é utilizando a Classificação Internacional das Doenças (CID), que “é a base para a identificação de tendências e estatísticas de saúde a nível global, e o parâmetro internacional para o relato de doenças e condições de saúde” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018, tradução nossa). Ela é de responsabilidade da OMS e possui 21 volumes, cada um deles dedicado a uma categoria de transtornos ou doenças; um deles é o que abrange a categoria de transtornos da mente e de comportamento e é o que trata da depressão. A versão mais atualizada da CID foi publicada em junho de 2018, porém, como ainda está em fase de implementação, serão utilizados os escritos em sua edição anterior, a CID-10.

Para realizar o diagnóstico, é necessário mais do que a simples conferência dos sintomas dentro da Classificação, porém tal tópico será abordado mais a frente, aqui pretendemos apenas discutir brevemente sua definição e seus sintomas.

Os sintomas para definir uma depressão na CID são os que ela atribui a um episódio depressivo. Os três principais deles são o humor triste, a perda de interesse e prazer e a redução na energia. Nardi (2006) traz explicações mais detalhadas acerca desses (e de outros) sintomas. Sobre o humor triste, o autor explica que para o deprimido, essa sensação é algo

¹ Antes de dar início as discussões, sinto-me no dever de alertar que os tópicos referentes à depressão não serão dotados de grande profundidade de discussão, uma vez que meu objetivo neles é trazer um panorama acerca do que seria a depressão de forma a dar conhecimento a respeito do tema para o leitor, bem como situá-lo dentro do universo da pesquisa.

muito mais intenso, duradouro e incapacitante; não é uma simples melancolia - como quando você não passa numa prova ou não consegue algo que queria -, é um sentimento muito mais profundo e complexo que isso, de forma que apenas pessoas que possuem depressão são capazes de compreender. Quanto à perda de interesse e prazer, o autor esclarece que o indivíduo deprimido deixa de se sentir atraído por coisas que normalmente são queridas pelas pessoas, como sair com os amigos, comer uma comida gostosa ou até mesmo sexo; o sujeito nesta condição torna-se incapaz de interagir com o ambiente a sua volta e torna-se “apático” de tal maneira que muitas vezes ele sente o desejo de “sumir”. E no que trata da redução da energia, Nardi afirma que os pacientes nesta condição sentem um “permanente cansaço” de tal maneira que qualquer atividade torna-se um grande esforço, além de também haver uma dificuldade de concentração e de respostas aos estímulos do ambiente.

Há outros sintomas que a CID traz em relação à depressão, são eles: baixa autoestima e autoconfiança, pessimismo em relação ao futuro, ideias/ações de automutilação e/ou suicídio, sentimentos de culpa e inutilidade e alterações no sono e no apetite, podendo esses últimos ser para mais (comerem e/ou dormirem demais) ou para menos (comerem pouco/não comer e/ou dificuldades para dormir).

Existem também alguns sintomas físicos causados pela depressão como dores de cabeça ou em outras partes do corpo e sensações de desconforto como vertigens e má digestão. Um sintoma físico notório é a alteração nos movimentos, fazendo com que os sujeitos passem a ter uma movimentação mais lenta e podendo, em casos mais graves, apresentar movimentos tão lentos que chegam ao ponto de uma quase que imobilização absoluta (NARDI, 2006).

Há tipos de episódios depressivos e a CID-10 os divide em três: leve, moderado e grave, sendo esse último dividido em “com sintomas psicóticos” e “sem sintomas psicóticos”. O que vai definir qual tipo que o paciente possui são as intensidades dos sintomas e a ocorrência dos episódios. No quadro abaixo, elaborado a partir do que consta na CID, está explicado de maneira mais clara os tipos de episódios e suas particularidades.

Quadro 1 - Tipos de episódios e sintomas da depressão.

TIPO DO EPISÓDIO	COMPORTAMENTO
Leve	Sintomas não estão presentes em grau intenso.
	Indivíduo apenas “angustiado pelos sintomas”.
	Consegue manter a rotina e atividades diárias.
Moderado	Vários sintomas presentes de forma marcante.
	Indivíduo possui certa dificuldade em manter a rotina e atividades diárias.
Grave	Indivíduo apresenta uma considerável angústia e agitação, perda da autoestima e sentimentos de culpa e inutilidade. ²
	Indivíduo incapaz de continuar com suas atividades normais, seja ela no trabalho ou em casa, e quando consegue, é numa frequência limitada. ²
	Indivíduo apresenta delírios onde ele se culpa por situações como pobreza ou desastres além de alucinações com vozes “difamatórias ou acusativas”. ³

Fonte: OMS, 1993.

Ainda de acordo com a CID-10, os episódios têm duração mínima de duas semanas, tendo acontecido pelo menos duas vezes, estando elas separadas por vários meses.

Há outra maneira de se identificar os sintomas da depressão, que é usando o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) de responsabilidade da *American Psychiatric Association* (APA); seus diagnósticos se assemelham aos da CID, divergindo apenas em uma questão de nomenclatura e na divisão que o manual realiza. No mais, é importante destacar que somente o conhecimento acerca dos sintomas não dá a alguém a autoridade de realizar um diagnóstico, somente um profissional formado e especializado poderá realizá-lo, de forma que o mesmo possa definir quais as melhores medidas a serem tomadas e de que forma o tratamento deverá ocorrer.

2.2 Diagnóstico e tratamento

Como já discutido anteriormente, vários são os sintomas da depressão, então existem algumas precauções necessárias a serem tomadas quando for realizado um diagnóstico. O

² Comportamento presente em ambos os tipos de episódios graves (com e sem sintomas psicóticos)

³ Comportamento presente apenas no episódio grave com sintomas psicóticos.

primeiro ponto a ser observado é se os sintomas que o paciente apresenta não são em decorrência de outros fatores e que podem acabar sendo confundidos com sintomas depressivos. O médico responsável pelo diagnóstico deve examinar se o paciente não possui alguma outra condição clínica (como câncer, Alzheimer, diabetes, anemias etc.), bem como buscar saber se o paciente não está fazendo uso de alguma medicação ou passando por algum tipo de tratamento naquele momento, pois existem remédios, enfermidades e outras condições clínicas que podem causar sintomas e reações que são facilmente confundidas com depressão. Uma vez feita essa análise, é necessário, também, lançar um olhar sobre a história familiar e pessoal do paciente a fim de firmar o diagnóstico. (NARDI, 2006; APA, 2014).

As terapias mostram-se eficazes no tratamento da depressão, uma vez que elas fazem com que os comportamentos prejudiciais à vida do sujeito sejam diminuídos e previnem a reaparição de sintomas em longo prazo. (CARDOSO, 2011)

Existem vários tipos de terapias, algumas delas são: terapia cognitivo-comportamental (TCC), terapia comportamental ou analítico-comportamental, terapia de aceitação e do compromisso (ACT), psicoterapia analítica funcional (FAP), ativação comportamental (BA), terapia interpessoal e terapia familiar. Por serem muitas, cada uma tem sua particularidade de funcionamento, mas todas visam a remoção do sujeito de seu estado atual (no momento de início da terapia) e a sua reinserção dentro das relações sociais, de modo que ele possa tomar atitudes frente os comportamentos prejudiciais, da mesma maneira que melhoram a quantidade e a qualidade das atividades realizadas pelos indivíduos em sua vida. (NARDI, 2006; CARDOSO, 2011).

As terapias são uma forma que o paciente encontra de ter um ambiente amigável e acolhedor, em que ele pode se comunicar e falar sobre seus problemas abertamente, resultando em sua conseqüente melhora. Aliada a elas está a prescrição de remédios, que servem para reduzir a duração e intensidade dos sintomas, bem como prevenir uma recidiva; a medicação é prescrita por um psiquiatra, enquanto a terapia fica a cargo de um psicólogo

Um ponto importante no tratamento da depressão é o suporte familiar, que ajuda com que o sujeito deprimido não se sinta só. O terapeuta alerta a essa família sobre os riscos e a realidade acerca da depressão e faz com que eles provenham apoio ao deprimido; o terapeuta também realiza consultas periódicas com os familiares para saber da situação do indivíduo já que muitas vezes ele não revela com exatidão o seu real estado (NARDI, 2006).⁴

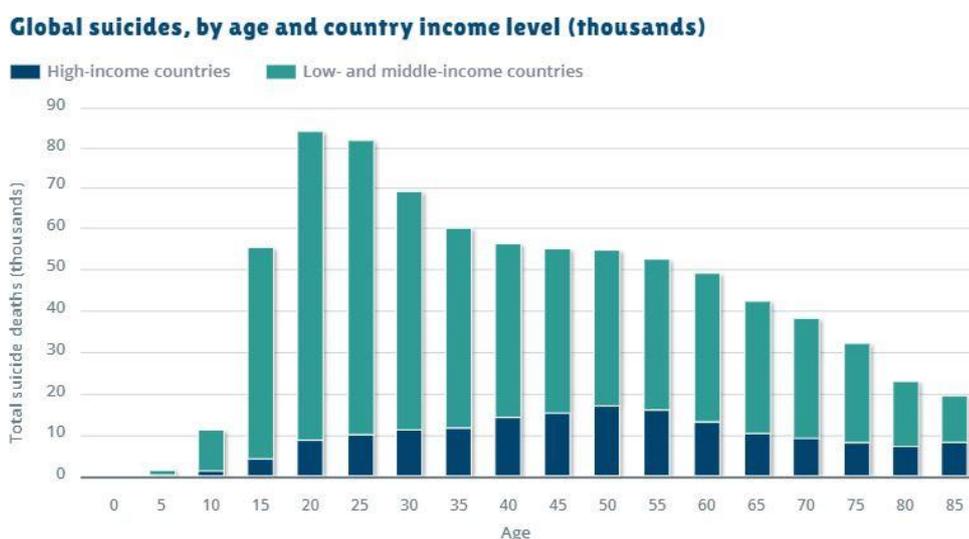
⁴ É importante lembrar também que existem tratamentos não convencionais e alternativos para a depressão, como a inserção de atividades física e sessões de acupuntura dentro da rotina do paciente, além de outras atividades de socialização e lazer.

2.3 A depressão no Brasil e no mundo

Pesquisas da OMS de 2015 afirmam que “a nível global, estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sofram de depressão, o equivalente a 4.4% de toda população mundial” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017, p. 5, tradução nossa). Ainda de acordo com o mesmo estudo, a depressão torna-se mais comum em mulheres, que somam 5.1%, do que em homens, que tem um total de 3.6%. O estudo também afirma que o número total de pessoas com depressão no mundo cresceu 18.4% entre os anos de 2005 e 2015 e que 80% dos casos ocorrem em países de baixa e média renda.

A OMS também traz estatísticas espantosas quanto ao suicídio. Estima-se que pouco mais de 700 mil pessoas tenham cometido suicídio e chegado a óbito em 2015 e que um número maior tenha tentado (mas não conseguiu); além disso, o suicídio contou como aproximadamente 1.5% de todas as mortes ao redor do globo e despontou como umas das 20 maiores causas de morte em 2015 e a segunda maior causa de morte de pessoas entre 15 e 29 anos no mundo neste mesmo ano.

Figura 1 - Índice de suicídios, por idade e renda do país (em milhares).



Fonte: OMS, 2015.

O Brasil é o segundo país das Américas com o maior índice na prevalência de casos de depressão, com uma taxa de 5.8% da população (o equivalente a pouco mais de 11 milhões de casos); o país só fica atrás dos Estados Unidos, que possui uma taxa de 5.9% (equivalente a pouco mais de 17 milhões de casos) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017, p. 18).

Figura 2 - Índice de prevalência de depressão em países da América.

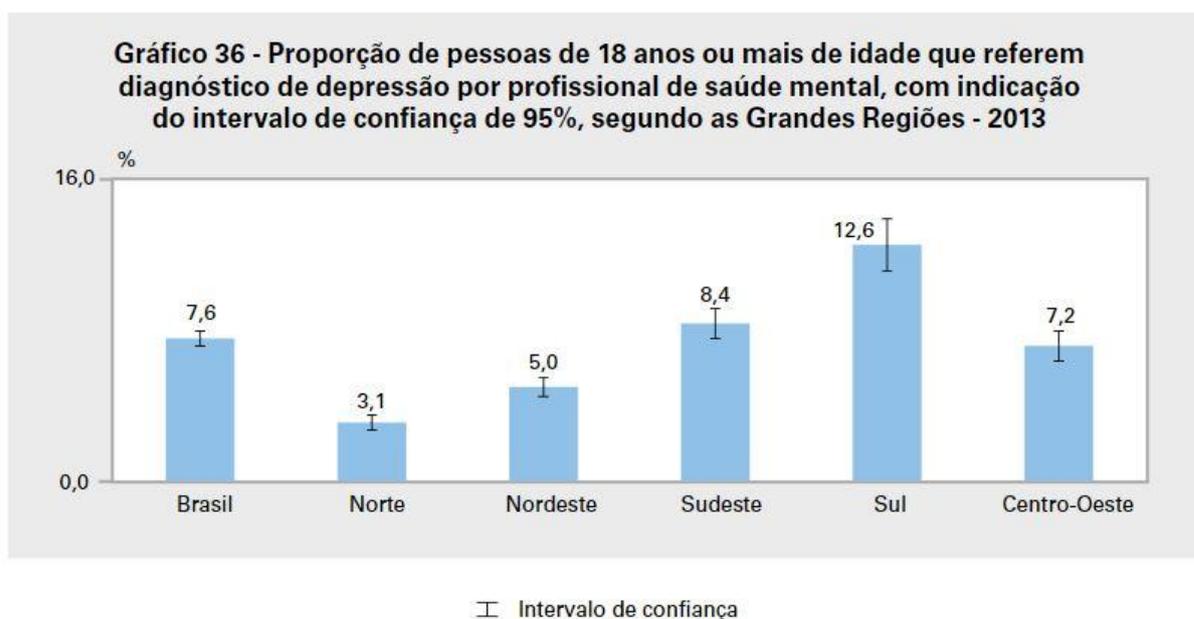
COUNTRY	Depressive Disorders	
	Total cases	% of population
Antigua and Barbuda	4 424	5,1%
Argentina	1 914 354	4,7%
Bahamas	19 138	5,2%
Barbados	14 586	5,4%
Belize	14 956	4,4%
Bolivia (Plurinational State of)	453 716	4,4%
Brazil	11 548 577	5,8%
Canada	1 566 903	4,7%
Chile	844 253	5,0%
Colombia	2 177 280	4,7%
Costa Rica	216 608	4,7%
Cuba	605 879	5,5%
Dominican Republic	464 164	4,7%
Ecuador	721 971	4,6%
El Salvador	255 032	4,4%
Grenada	4 848	4,7%
Guatemala	580 994	3,7%
Guyana	33 700	4,5%
Haiti	437 639	4,3%
Honduras	308 862	4,0%
Jamaica	134 054	4,8%
Mexico	4 936 614	4,2%
Nicaragua	238 161	4,2%
Panama	162 293	4,4%
Paraguay	332 628	5,2%
Peru	1 443 513	4,8%
Saint Lucia	8 892	4,9%
Saint Vincent and the Grenadines	5 144	4,9%
Suriname	24 914	4,8%
Trinidad and Tobago	67 614	5,2%
United States of America	17 491 047	5,9%
Uruguay	158 005	5,0%
Venezuela (Bolivarian Republic of)	1 270 099	4,2%

Fonte: OMS, 2015.

Em contradição ao que diz a OMS, a Pesquisa Nacional de Saúde realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013 estima que a porcentagem de brasileiros acometidos pela depressão seja significativamente maior; de acordo com o instituto “7,6% das pessoas de 18 anos ou mais de idade receberam diagnóstico de depressão por profissional de saúde mental” (IBGE, 2014, p. 50), isso contabiliza um total de 11,2 milhões de brasileiros diagnosticados com a doença. A pesquisa ainda traz uma prevalência maior de casos em pessoas do sexo feminino (10,9%) do que no masculino (3,9%).

Ainda de acordo com o IBGE, em âmbito regional, há uma prevalência maior de casos na Região Sul do país, contabilizando um total de 12.6% de sulistas que possuem a doença. O Nordeste ocupa a 4ª posição com 5% de sua população, e Pernambuco é o seu estado com a maior porcentagem; 7.2% dos pernambucanos com 18 anos ou mais possuem depressão.

Figura 3 - Proporção de pessoas (18 anos ou mais de idade) com depressão.



Fonte: IBGE, 2014.

Sobre o suicídio, o Ministério da Saúde (2017) afirma que entre 2011 e 2016 foram registrados pouco mais de 48 mil casos de tentativas no Brasil, sendo cerca de 30 mil dessas realizadas por mulheres. Já os óbitos por suicídio, entre os anos de 2011 e 2015 foram registrados 55. 649 casos no país, com uma taxa maior em pessoas com idades de 70 anos ou mais (8,9 óbitos para cada 100 mil habitantes).

Diante de tais índices, a OMS e o Ministério da Saúde possuem ações que visam tratar da saúde mental da população, bem como ajudar na prevenção do suicídio. Em caráter global, a OMS possui o Plano de Ação em Saúde Mental 2013 – 2020 no qual a organização tem como objetivos:

“fortalecer uma efetiva liderança e governança para saúde mental; promover serviços compreensíveis, integrados e responsáveis de saúde mental e amparo social em instalações comunitárias; implementar estratégias de promoção e prevenção em saúde mental; fortalecer sistemas de informação, pesquisas e evidências para saúde mental” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013, p. 10, tradução nossa)

Em território nacional, o Ministério da Saúde possui a Política Nacional de Saúde Mental que “compreende as estratégias e diretrizes adotadas pelo país com o objetivo de organizar a assistência às pessoas com necessidades de tratamento e cuidados específicos em Saúde Mental” e “busca promover uma maior integração social, fortalecer a autonomia, o protagonismo e a participação social do indivíduo que apresenta transtorno mental” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). A política envolve o Sistema Único de Saúde (SUS) agindo nesta questão por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) que tem como objetivo “articular ações e serviços de saúde em diferentes níveis de complexidade” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s.d); dentre tais ações, podem-se destacar as Unidades de Acolhimento (UA) e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Além da RAPS, o Ministério também possui a Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil 2017 – 2020, cujo objetivo principal trata-se de:

“Ampliar e fortalecer as ações de promoção da saúde, vigilância, prevenção e atenção integral relacionadas ao suicídio, com vistas à redução de tentativas e mortes por suicídio, considerando os determinantes sociais da saúde e as especificidades de populações e grupos sociais em situação de maior vulnerabilidade a esse fenômeno e os municípios e grupos de municípios com alta concentração de suicídio, no período de 2017 a 2020” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017)

A agenda possui ações estratégicas que buscam diminuir os índices de suicídio, bem como a maneira como ele é tratado na sociedade, tanto por civis, quanto por profissionais. Algumas delas visam, por exemplo, a manutenção da legislação que restringe acesso a armas de fogo; a sensibilização de profissionais a respeito da realização do diagnóstico de causa da morte por suicídio e sobre a notificação de todas as tentativas de suicídio ocorrentes no município (uma vez que nem sempre uma morte por suicídio é tratada como tal); a promoção de ações dentro de grupos de vulnerabilidade social, bem como a formulação do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio no Brasil. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017)

Algumas das ações estabelecidas na agenda já foram postas em prática, como a parceria com o Centro de Valorização da Vida (CVV) (que age diretamente na prevenção do suicídio fornecendo amparo por meio de ligações) e o Boletim Epidemiológico sobre suicídio; entretanto, essas ações foram recentemente comprometidas com a publicação da Portaria n.º 3.659 de 14 de Novembro de 2018, que suspende o repasse de verbas para o custeio mensal de diversas unidades de tratamento psicossocial e diversos hospitais integrantes da RAPS. Isso pode ocasionar um aumento no número de sujeitos acometidos

por questões de saúde mental que ficarão sem tratamento, gerando uma conseqüente piora nos casos. Evidencia, portanto, um despreparo das entidades do Estado no tratamento da saúde mental da população e um descaso com o tema.

Observa-se, ainda, um grande desconhecimento e preconceito da sociedade geral nas questões de saúde mental e suicídio. Não é muito estranho se deparar com brincadeiras e piadas que banalizam a depressão, tratando-a como um simples sinônimo de grande tristeza, bem como outros transtornos da mente; também é comum ver certa romantização no ato de cometer suicídio bem como sua igual banalização. Além disso, tais assuntos muitas vezes são tratados como “drama”, “falta de Deus no coração” ou “necessidade de atenção” dentro do igual cenário da população geral.

Torna-se importantíssimo as ações (já previstas no plano) de conscientização da população geral acerca do que é depressão, suicídio e outras matérias de saúde mental. O Setembro Amarelo, mês da saúde mental e prevenção do suicídio, seria uma oportunidade para propagandas acerca das matérias anteriormente citadas, da mesma forma que o Ministério (e as Secretarias estaduais e municipais de saúde) fazem com outras questões como o HIV. É necessário que a sociedade tome consciência da gravidade da depressão e do suicídio, evitando o tratamento de tais termos como algo banal ou “sinal de fraqueza”; precisa-se que o Estado aja no tangente as questões promovendo debates sobre saúde mental, seja em escolas, centros comunitários, eventos públicos ou com ações publicitárias. Depressão e suicídio são questões sérias e delicadas, e devemos alertar aqueles que desconhecem acerca disso.

3 A LEITURA, A LITERATURA E O ATO DE LER

3.1 A leitura como um direito e um ato social, ideológico e político.

Há uma disparidade no que tange a definição do que seja leitura; confesso que mesmo durante a graduação pude me deparar com colegas e professores falando sobre e tratando um mesmo objeto de maneiras bem distintas. Se procurarmos em um dicionário online, por exemplo, seu significado é: “ação de ler; ato de decifrar o conteúdo escrito de algo. Ação de compreender um texto escrito” (DICIO, 2018). Não é espantosa, contudo, tal definição, visto que ela é algo extremamente comum ao pensarmos em primeiro momento sobre o que seria a tal “leitura”.

De acordo com Britto (2012), chamamos de leitura diversas ações que são, em sua finalidade, bastante distintas. Se pegarmos uma bula com o objetivo de sabermos quais efeitos aquele remédio terá em nosso corpo, estamos realizando uma leitura, mas uma leitura tipicamente informativa, que não é a mesma que a leitura de um romance do Stephen King. A leitura da bula pode ser tida como uma simples decodificação dos signos linguísticos, na qual compreendemos o que está escrito e processamos aquela informação, sem trazer grandes reflexões acerca do texto e sem estabelecer algum tipo de relação com o mesmo (algo bem consonante com a definição de dicionário). Esse mesmo tipo de leitura informativa ou decodificadora pode ser feita ao ler placas de trânsito, panfletos, propagandas eleitorais, anúncios de vitrine etc. Contudo, falar de ler dando início pela palavra escrita é ignorar o fato de que nenhum de nós nasce, efetivamente, sabendo fazê-lo; antes mesmo de sabermos unir sílabas e compreender o que elas representam, nós realizamos uma leitura primordial para a relação com a leitura do escrito: a leitura de mundo.

Ler o mundo é sentir, observar e conhecer o contexto no qual somos inseridos; é viver os detalhes e observar a realidade, assimilando-a mesmo sem ter consciência disso. Quando olhamos um rio em seu curso, ao conhecer a palavra “rio”, saberemos do que se trata, pois já teremos o lido no mundo dado que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2008, p. 11). Para compreender um texto (palavra), é preciso antes compreender o mundo no qual estamos inseridos, pois a leitura do mundo auxilia na constituição da identidade e dos acervos de memória.

A palavra surge a partir da vivência dos sujeitos em seus mundos, e a vivência nesse mundo abrilhanta e completa a vivência na palavra, bem como as percepções desse mundo ajudam nas percepções do texto; e o texto, por sua vez, nada mais é que um fragmento de um

mundo e de uma realidade, e tal relação não pode ser desconstruída. Ao ler e escrever, o leitor revive seu passado e reescreve dentro de si o que lê a partir do momento em que a experiência de leitura se encontra com seu acervo de memória.

Para Petit (2009), o processo de leitura é um processo de apropriação dos textos, no qual o leitor toma posse das palavras escritas e estabelece uma conexão com elas, introduzindo no significado dos escritos, suas lembranças e anseios. A autora vem chamar isso de *alquimia da recepção*. Ler é um elemento social que depende de toda a carga de vivência do leitor para que possa ocorrer, uma vez que não há como removê-lo de seu contexto, mesmo que ele não esteja diretamente inserido nele no momento em que a leitura está sendo realizada, e isso vai implicar no processo de compreensão do texto e na relação que será estabelecida por ambos. “Se é fato que o leitor, enquanto ser histórico, constrói os sentidos que lê, é fato também que sua leitura estará sempre constrangida pelas condições – também históricas – em que se dá, das quais uma delas é o texto” (BARZOTTO; BRITTO, 1998).

Os gostos de leitura são moldados conforme o tempo e conforme a história de cada sujeito em sua individualidade no mundo, logo, cada pessoa terá uma compreensão diferente sobre o mesmo texto; mesmo que suas opiniões e valores sejam semelhantes, as relações de cada um com um único texto nunca serão idênticas. A compreensão se dá por meio de um diálogo entre quem lê e o que é lido. O escritor do texto expõe uma realidade em forma de palavras e a põe no mundo, e o leitor, emergido de sua realidade única, irá se deparar com esse mesmo texto e irá pôr em confronto sua realidade e a realidade que deu luz ao objeto; desse confronto irão surgir sentidos que podem ou não ser os mesmos pretendidos no momento de criação inicial do escrito, e assim uma leitura foi realizada. Em apoio a isso, Petit (2009) nos diz que:

“O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca onde isso poderá leva-lo.” (PETIT, 2009, p.28)

A relação entre texto e leitor é uma relação de diálogo, na qual ambos se abrem, se expõem e permitem se conhecer e juntos trabalhar em uma compreensão. A leitura é, portanto, um instrumento humano de reflexão. Goulemot (1996, p.113) afirma que ler é “fazer emergir a *biblioteca vivida*”, ou seja, trazer para o diálogo presente o conhecimento adquirido em diálogos passados com outros textos, fazendo emergir dessa mistura de conhecimentos um novo saber e um novo sentido únicos em seu espaço e tempo, pois somos seres compostos por

momentos, experiências, valores e crenças. O que Goulemot quer dizer é que, a partir do momento em que nos deparamos com um novo texto, essa carga de vivência vem à tona e começa a agir em prol dessa nova experiência de leitura e é a partir disso que podemos nos identificar ou criar resistência a algum texto, e é assim que nossos gostos e preferências literárias são construídos. É com a carga de vivência e o contexto social que o sentido literário é criado.

Desta forma, Petit (2009, p.33) afirma que “o leitor não é uma página em branco onde se imprime o texto [...]. As palavras do autor fazem surgir suas próprias palavras, seu próprio texto”. Ou seja, os discursos, sendo eles literários ou não, surgem a partir da absorção dos discursos de terceiros. As palavras surgem a partir do momento em que o leitor vê o que o autor quer dizer e, com o auxílio de suas vivências, consegue elaborar uma própria visão e um próprio discurso.

Também se deve ponderar de que o próprio texto é um reflexo da realidade sociocultural e política da qual ele nasce. Os textos vão evoluindo com o passar das eras e das localidades, pois ele é uma expressão do autor e de sua inserção em seu meio, sendo assim um fruto direto do mundo. Não há como isolar o texto, assim como o leitor, de seu contexto, pois inevitavelmente haverão elementos do mundo real que aparecerão na escrita, seja de forma voluntária ou não. Tal ponto será abordado com mais afinco posteriormente, contudo, isso é um elemento primordial para reforçar o teor social da leitura, já que até mesmo o próprio nascimento do texto se dá dentro de uma esfera social repleta de contextos, subcontextos e realidades.

Compreender isso é o primeiro passo para compreender a leitura em sua forma mais completa e abrangente, sem limita-la à inicialmente mencionada definição de “decodificação de signos”. A leitura é um ato social por depender das nuances de mundo do leitor, no ato de contato com o texto, e do escritor, no ato de criação do texto. É o choque de realidades de ambos os sujeitos, materializado na forma de escrita, que darão firmamento aos sentidos e significados, ocorrendo, portanto, uma ação de leitura.

Por ser social, a leitura está sujeita aos efeitos de ideologias acerca de si, tais ideologias semeadas ao decorrer dos séculos causam o que chamamos de *mitificação da leitura* (BARZOTTO; BRITTO, 1998). Não é incomum ler propagandas que tratam a leitura como a salvação para todas as mazelas da Terra, que versam sobre a leitura em sua mais alta magnitude e esplendor, além da visão concebida de que as pessoas que leem (e que leem os clássicos literários principalmente) são mais cultas e intelectuais do que as demais.

Para compreendermos os aspectos ideológicos que circunscrevem a leitura, devemos olhar para o que Bakhtin (2006) diz a respeito desta última. O filósofo afirma que:

“Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*.” (BAKHTIN, 2006)

Qualquer coisa pode ser transformada em signo ideológico, e este signo ideológico vai passar a refletir e refratar outra realidade além daquela na qual ele foi originalmente concebido, e esse signo ideológico passa a ter um valor que irá atribuir quesitos de ser bom ou ruim, melhor ou pior (BAKHTIN, 2006). Quando absorvemos este pensamento e olhamos para a leitura, podemos ver como ela foi transformada em uma ideologia de segregação e valorização pessoal com o decorrer do tempo e da história.

Hoje em dia, a leitura continua sendo vista como algo em que somente os melhores possuem e algo que é a solução para todos os males. Tais ideias são frutos de um discurso proveniente de sujeitos pertencentes a uma esfera de poder que corroboram para a criação de uma barreira intelecto-literária na qual os indivíduos que não desenvolvem práticas de leitura (principalmente se tratando de livros literários, especialmente os clássicos) são postos como inferiores e menos capazes que aqueles que possuem um grande acervo de obras literárias em casa e na mente, alimentando, portanto, um ciclo que ajuda no fortalecimento da mitificação da leitura e atribuem aos sujeitos que não possuem condições de acesso à leitura uma imagem de “burros” ou “ignorantes”. Tal discurso “ignora os modos de inserção dos sujeitos nas formas de cultura e estabelece em torno da questão da leitura juízos de valor do tipo “bom” ou “mal”” (BARZOTTO; BRITTO, 1998).

Em termos práticos, podemos pegar como exemplo o trabalho do bibliotecário. Esse tipo de ideologia é extremamente perigoso para o exercício de nossas atividades. Como profissionais de mediação cultural e de leitura, ao adotarmos em nossas atividades as ideias de que “ler clássicos literários é melhor que leitura popular” e de que as pessoas que o fazem são melhores, estaremos esquecendo a dimensão social da profissão, bem como condicionando os leitores de nossas bibliotecas a terem em seu acesso itens que podem, muito facilmente, não serem de seu agrado. Além disso, a adoção desse ideal na formação e desenvolvimento de coleções de livros literários pode vetar o acesso e a circulação de obras do acervo, visto que o público leitor pode não se interessar pelo que a biblioteca tem a oferecer e acabar se afastando dela, o que só irá aumentar o abismo cultural já existente entre biblioteca e comunidade, em

especial as mais carentes de recurso e que possuem maior dificuldade de acesso a equipamentos de cultura.

A ideia de que leitura é algo de pessoas culturalmente superiores e que ler os clássicos é melhor do que ler as demais produções reflete uma realidade da já mencionada esfera de poder. Ela origina-se da burguesia iluminista que adotou tal ideal como maneira de se estabelecer entre os poderosos. A história da leitura como item libertador está vinculada as intenções de dominação social da classe burguesa e como forma de desafiar a tradição que legitimava a aristocracia da época (ZILBERMAN, 1999).

Esse preconceito literário também surge a partir do momento em que a leitura é promovida para as classes operárias, não como forma libertadora, mas apenas como maneira de compreensão e decodificação de signos. Quando o ensino e a escolarização se tornam obrigatórios, deixando de ser privilégio apenas dos filhos da elite econômica e passando também a atender os filhos das classes mais pobres, a mão de obra infantil deixa de existir e isso causa prejuízo às indústrias; como forma de remediar a situação, passa-se a promover a leitura para o proletariado com o único intuito de que eles saibam desempenhar suas funções ao ingressarem no mercado de trabalho, desta forma, o indivíduo iria ter o acesso à educação e também, no futuro, iria poder realimentar a máquina de produção capitalista (ZILBERMAN, 1999).

Isso gera uma dinâmica cultural e opressora que reverbera até nossos dias. O ato de ler por prazer e em horas vagas é algo muito mais comum de ser visto entre a elite econômica, de modo que a classe trabalhadora e operária, ao estar inserida num sistema de produção massivo, passa a não poder ter os mesmos hábitos e horários de leitura que o patronato, estando mais ocupada com a produção e reservando a leitura apenas para situações em que ela irá colaborar no desempenho de suas funções, e não como maneira de lazer.

Ainda alimentando-se da ideologia inicialmente mencionada; ao tratar a leitura como uma atividade superior, ignoram-se as outras atividades culturais pertencentes ao orbe da vivência humana. Ler é, assim como música ou cinema, um modo de expressão e um ato de manifestação da cultura, não podendo ser concebida sob uma ótica de glorificação.

“A leitura não é uma prática superior a outras formas de inteligência, interpretação e projeção do mundo. Ler o contexto, ler a mão, ler o jogo, ler o mundo, ler um quadro, ler um filme são ações culturais e intelectivas diferentes de ler o texto, com maiores ou menores aproximações. De fato, ao pôr-se como sujeito diante do mundo, a pessoa, na busca da compreensão dos fatos, realiza múltiplas ações, quase sempre de modo articulado. Ler é uma delas.”. (BRITTO, 2012)

A leitura não se difere das outras maneiras de consumo de cultura. Ela é uma prática comum da mesma forma que ouvir músicas ou assistir filmes. Ela é utilizada da mesma maneira para entreter, informar, proporcionar prazer, etc., não tornando-a uma prática superior, mas igualmente comum. Da mesma forma que outras práticas culturais podem ser usadas para “salvar o mundo” ou proporcionar bem-estar, a leitura também pode, mas isso não a torna melhor⁵. A origem dessa mitificação insurge quando se ignora seu viés sociocultural. Ao tratar todos os sujeitos da mesma forma, deixando de lado suas mais diversas formações, atribui-se um juízo de valor a leitura que não abrange, por exemplo, as pessoas que não gostam de ler. E por fim, por ser um ato social e, conseqüentemente ideológico, a leitura é também um ato político, e para falar da leitura dentro desse viés, devemos falar primeiramente de informação.

Ao ler, o sujeito está decodificando, adquirindo, compreendendo, apreendendo e assimilando informações, e elas, assim como a leitura, também são algo socialmente condicionados, de forma que “qualquer informação se articula com e ganha sentido dentro de uma rede complexa de outras informações já enunciadas ou possíveis de ser enunciadas” (BRITTO, 2007, p.78). Ou seja, toda informação vai depender de uma previamente enunciada, ou só fará sentido a partir do contato com outra informação. O acesso às informações será dependente da ação do Estado nas instâncias de disseminação imediata; é ele que tem o poder de vetar, manipular ou dar acesso, desta forma “aquilo que se entende por informação resulta necessariamente da ação política de instância de poder (ou contrapoder) na forma de um produto cultural sócio-histórico” (BRITTO, 2007, p.79). A informação vai circular de acordo com os interesses das classes políticas e da elite econômica do país, por sua influência direta, de maneira que irá impactar diretamente no acesso e promoção da leitura.

Portanto, “[...] a produção e circulação de textos escritos, como de toda informação de ampla circulação, estão diretamente articuladas ao modo como se exerce o poder” (BRITTO, 2007, p.82). Essa afirmação traduz a dimensão política que a leitura tem, uma vez que é por meio da leitura que boa parte da informação é consumida; ao controlar a leitura e o acesso a mesma, está sendo controlada uma das maiores ações de acesso à informação.

Uma das facetas do mundo é a faceta política, e como a leitura é um fragmento desse mesmo mundo e auxilia na compreensão do mesmo, ler é conseguir o aparelhamento

⁵ Inserindo essas afirmações dentro do universo do trabalho; além da biblioterapia, existem outras formas de terapia auxílio em tratamentos médicos utilizando manifestações culturais, tais como a musicoterapia e a arte-terapia. Logo, mesmo que a biblioterapia seja digna de admiração, não devemos diminuir outras formas em detrimento dela.

intelectual necessário para entender os jogos políticos, seus direitos e os deveres do cidadão e do Estado; e ao compreender sua própria realidade e se situar dentro da realidade política de seu país, o sujeito consegue obter o necessário para cobrar ações das instâncias superiores. Além disso, ler textos, mesmo que literários, podem fornecer ao sujeito a capacidade de prever as possíveis consequências que ações – seja dos cidadãos como indivíduos, da sociedade como todo, ou dos políticos – possam ocasionar dentro de uma realidade.

E é por toda essa dimensão de poder político que a questão do acesso à leitura é algo a ser discutido também com a classe política. Há um senso comum de que todos possuem acesso à informação (e, por consequência, leitura) e que ela está ao alcance de todos, mas isso não é bem verdade. A informação e a leitura podem estar globalizadas, mas elas não estão democratizadas. É fato, sim, de que pessoas ao redor do globo agora possuem acesso a itens que antes não possuíam, mas existe uma série de sujeitos que vivem à margem dessa realidade.

Alguns fatores devem ser levados em consideração ao se tratar disso. O primeiro deles é o primordial: a educação. Para ler textos é preciso ser alfabetizado, é preciso saber decodificar os signos linguísticos. A parcela de indivíduos ao redor do globo que não sabem ler ou escrever é uma das mais afetadas por essa falsa ideia de “informação ao alcance de todos”, visto que muitos dos veículos, não só de notícia, mas da produção de discursos e cultura, realizados de forma escrita, estão longe do alcance desses sujeitos.

O segundo fator é a questão econômica. Os livros são produzidos por editoras, que nada mais são do que empresas de comercialização de bens culturais. O valor empregado aos livros gera impacto direto em seu acesso. As classes mais altas e a elite econômica não veem isso como um problema, mas para a população que, mesmo alfabetizada, vive em situação de fragilidade social, o acesso a esses itens em mercado é difícil.

O terceiro fator é o acesso de maneira pública aos objetos de leitura, e é neste fator que entram as bibliotecas e as escolas. Ao restringir verbas destinadas ao aprimoramento em escolas e bibliotecas, está sendo restringido um acesso mais abrangente a leitura. O sucateamento intencional desses locais está ligado ao fato de que eles são dois dos mais primordiais no que tange a democratização da leitura. A censura aos livros que compõe o acervo de bibliotecas públicas e escolares, a definição de quais obras devem ser utilizadas no ensino e na alfabetização da população, e o vandalismo político na conservação e manutenção da estrutura física desses locais são atividades que impedem uma leitura democratizada e de

acesso a todos, que poderia servir para diminuir a barreira econômica que separa as classes mais carentes da leitura.

Levar em consideração os vieses sociais, ideológicos e políticos da leitura é o crucial para a realização de uma promoção eficiente da mesma. . Compreender que ler não é decorar textos e que não deve ser medido pela quantidade de páginas que se lê; que os sujeitos não são obrigados a ler se não quiserem e que a literatura canônica não é superior aos outros tipos, e a adoção de políticas públicas de acesso à leitura são ações decisivas numa promoção da leitura. Mas, antes de tudo, promoção da leitura está diretamente ligada a democratização da mesma:

“Trata-se, portanto, de uma *luta política*, que passa pela conquista de melhores condições de vida para as classes trabalhadoras; melhores salários, pleno emprego, transporte barato e eficiente, moradia digna. Além disso: democratização do conhecimento que significa ensino público e gratuito em todos os níveis, expansão da rede de bibliotecas populares e produção de livros baratos, em grande escala, acessíveis a todos os cidadãos” (MELO, 1999, p. 81)

Ler é fazer parte de sua própria realidade e absorvê-la, criando uma nova vivência dentro de si e renovando-a a cada nova leitura; é exercer seu direito como cidadão e como sujeito pertencente a uma sociedade democrática e política; é ter acesso ao conhecimento e a informação; poder ter a liberdade de escolher o que vai consumir e de que maneira isso vai ocorrer, mas, principalmente, ler é exercer uma função básica que é direito a todo ser humano: a de vivenciar sua própria vida e se sentir pertencente a ela e a si próprio.

3.2 A literatura sob uma ótica dialógica

Creio que esta talvez seja a parte mais complexa de se escrever de todo trabalho. Confesso que possuí reais dificuldades ao tentar compreender o que é literatura, e, principalmente, em expor este conceito de uma maneira que permita uma fácil compreensão.

Para começar os debates, devemos nos atentar ao que vem em nossa mente ao pensarmos em “literatura”. Talvez venham as aulas do Ensino Médio com textos de Álvares de Azevedo, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade; ou talvez venham as filas nas livrarias para comprar o último volume da saga Harry Potter, os intervalos na escola com livros da Stephanie Mayer, as noites em claro lendo John Green, ou as viagens de ônibus lendo John Grisham.

Na realidade, ambas as linhas de raciocínio tratam de literatura, porém, ao partir para as relações que a os estudos da teoria literária e sociedade de um modo geral estabelece ao se pensar em “literatura”, apenas uma dessas linhas de raciocínio parecer ser coerente e aceita.

Assim como a leitura, a literatura está sujeita à ação de ideologias sobre sua conceituação, que se materializa no estabelecimento do clássico literário. Essa ideologia versa sobre o estabelecimento de uma pseudo intelectualidade àqueles que afirmam preferir Clarice Lispector a Thalita Rebouças e adiciona um juízo de valor em cima das duas autoras. Tudo isso deriva da maneira como, hoje, os livros que temos como clássicos foram elevados a tal posição. De acordo Candido (1997), Lajolo (1991) e Abreu (2006), os nossos atuais clássicos literários estão lá por uma determinação das instâncias de poder e legitimação literária (universidades, jornais, revistas especializadas, etc) que determinam quais obras devem ser consideradas clássicas e quais devem ser tidas como qualidade inferior. Para ser considerada como literatura (e com “literatura” entenda-se principalmente “de qualidade”) é levado em conta muito mais do que o texto propriamente dito. O contexto social e político que deu origem a obra e o histórico (profissional e pessoal) do autor são alguns dos elementos que influenciam na determinação de uma obra como literária e, especialmente, como clássico de qualidade (ABREU, 2006).

Essa ideologia e essas determinações literárias ocasionam a criação de uma segmentação dentro da sociedade na qual os autores não legitimados (geralmente os *Best-sellers*) são vistos sob olhares de preconceitos, enquanto os legitimados são ensinados e incentivados nas escolas, possuem posição de destaque no “hall da fama” de bibliotecas e são idolatrados por aqueles que se dizem intelectuais e membros da nata social, mesmo que eles nunca tenham de fato apreciados tal obra ou autor.

“Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social. Uma pessoa que queira passar de si uma imagem de erudição falará de livros de James Joyce, mas não de obras de Paulo Coelho. Essa mesma pessoa, se tiver de externar idéias sobre Paulo Coelho, dirá que o desaprova. Mesmo que não tenha entendido nada de *Ulisses* ou tenha se emocionado lendo *O alquimista*.” (ABREU, 2006, p.19)

Nossas opiniões sobre as obras literárias estão baseadas no que essas mencionadas instâncias de legitimação determinam que digamos, e esses preconceitos literários que nos foram ensinados nos impede de abrilhantarmos a experiência leitora e fecha os horizontes literários, pois eles não levam em consideração que a literatura é, na verdade, um elemento que surge de uma realidade para conversar com diversas outras.

“A literatura é a expressão de um povo, espelhando-se nela o que ele tem de mais alto e característico” (CANDIDO, 1997, p. 295). Como dito anteriormente, ela é um fragmento do mundo e de uma realidade. A literatura é a voz de uma civilização, é como uma sociedade fala de si mesma, de seus problemas, suas angústias, seus sonhos e seus ideais. Ela surge do embate do homem com o meio, e o texto é a reação ao que o ambiente o impõe. O texto é um reflexo único do contexto no qual ele foi produzido, não só das questões sociais e políticas da época temporal de sua escrita, mas o contexto pessoal do autor, suas vivências, experiência e círculos sociais.

Para compreender a literatura sob essa ótica mais humanista, devemos ponderar o que Bakhtin (1997) nos traz acerca deste tema ao abordar as esferas da vida, os gêneros do discurso, a oralidade e a escrita.

O que ele fala quando aborda as “esferas da vida” diz respeito às esferas da realidade (ética) – que se trata da vida no momento em que ela acontece – e a esfera da arte (estética) – que seria a vida transportada para um local que perde ligação com a realidade. Apoiado por isso, ele nos traz os conceitos de gêneros do discurso, que são os modos como as atividades humanas (que compõem as esferas ética e estéticas) se materializam em forma de linguagem – uma maneira humana de se traduzir num enunciado. Esses gêneros se dividem em primário e secundário, sendo o primário constituídos de atos que circunscrevem a vida em seu aspecto mais imediato e cotidiano (uma carta, um memorando, uma conversa), e o secundário seria a vida transportada para a esfera estética, com acabamento provisório que o faz perder a ligação direta com o contexto imediato da vivência ética. É neste gênero secundário que encontramos a literatura.

Por ser um gênero secundário, a literatura é uma esfera estética dependente. Ela se alimenta dos gêneros primários, transformando-os e ressignificando-os.

“Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios.” (BAKHTIN, 1997, p. 282)

É por causa dessa adaptação que a literatura faz da realidade que ela possui uma conexão com aqueles que a consomem, causando uma identificação ou repulsa. As ações subjetivas que envolvem a leitura literária estão pautadas no conceito de dialogismo, trazido também por Bakhtin (1997). Tudo está pautado na dinâmica do discurso e da resposta discursiva. A literatura, por ser uma versão fragmentada e adaptada da realidade, apresenta-se

ao leitor de maneira acabada, com os sentidos inerentes do autor já aplicados e postos. Já o leitor, ao se deparar com aquele objeto literário finalizado, entra em diálogo com os sentidos expostos pelo autor e com a construção da narrativa e, a partir de seu contexto social e pessoal, vai criando um diálogo único dentro daquela relação.

Ao entrar em contato com a leitura pela primeira vez, as impressões ficadas no leitor pelo texto são únicas e exclusivas dele e do momento, então a soma dos sentidos expostos pelo autor e dos emitidos pelo leitor resultam na criação de um sentido para uma leitura que é temporalmente específico. Em outras linhas, as impressões e opiniões formadas pelo leitor são inerentes ao momento de contato com o texto, e a cada nova leitura realizada no decorrer do tempo, novas opiniões, impressões e descobertas são criadas. É dentro desse sentido que está a chave para a relação dialógica, pois é nele que os sentimentos de identificação e repulsa nascem.

“Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (BAKHTIN, 1997, p. 291)

Não só isso, como os gêneros literários também permitem um hibridismo com outros tipos de texto, e adaptam-se conforme a época permitir, pois eles “se constituem e se transformam historicamente em relação a determinadas condições culturais” (PONZIO, 2013, p. 136), desta forma, os gêneros secundários absorvem elementos de textos gerados nos gêneros primários, garantindo um intercâmbio linguístico plural.

Tratar a literatura sob uma ótica dialógica é levar em consideração as particularidades de cada sujeito, como ser pensante, dotado de uma história, e membro de uma sociedade ativamente mutável. “É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto” (LAJOLO, 1991, p. 38). A literatura absorve elementos de outros lugares e os incorpora em sua dinâmica. O romance policial nos apresenta uma carta de despedida ou uma autópsia médica. Uma crônica pode nos apresentar uma ida matinal a uma padaria, uma conversa pelo telefone ou uma briga por WhatsApp. Os textos literários brincam com a realidade, utilizando-se de suas nuances para completar a experiência escrita, trazendo coisas do cotidiano de maneira romantizada e adaptada, permitindo que outras pessoas fora da realidade que originou aquele texto possam se sentir representadas e possam conversar com os escritos.

A leitura não deve ser feita em textos literários determinados por terceiros, mas por obras que conversem com as realidades e gostos de cada um, sem compromisso com padrões e normas. Devemos entender que os textos que eram populares anos atrás não terão o mesmo êxito nos dias atuais, pois a literatura evolui junto com a humanidade e ela “é parte integrante da cultura, e não se poder compreendê-la fora do contexto da cultura de uma dada época” (PONZIO, 2013, p.131).

Observar a literatura levando em consideração esses elementos dialógicos permite com que as dimensões de leitura se alarguem, pois fazem com que os leitores se sintam livres para escolher quaisquer obras que lhe sejam queridas, sem o compromisso e a obrigação de lerem algo pelo único motivo de ser tido como clássico. Permite, também, um maior intercâmbio de obras entre o público leitor, garantindo uma pluralidade de produção e de consumo, e uma melhor ação de promoção da leitura.

3.3 As práticas de leitura

Outro ponto a ser tratado no que diz respeito a leitura são suas práticas. Goulemot (1996) diz que “cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais”. Isso reforça dizer que a leitura é um ato social e cultural, tendo sua variação a depender do contexto social em que cada indivíduo está inserido. As práticas de leitura do século XIX são diferentes da deste século, assim como as práticas de pessoas de classe média em comparação com as das pessoas de classes mais baixas. Os objetos de leitura variam de acordo com o tempo e irão ser utilizados por pessoas diferentes em lugares diferentes, ocupando posições sociais diferentes, com graus de instrução diferentes e com acervos de memórias diferentes.

Refletindo sobre esse aspecto Abreu (2001) elaborou um artigo abordando as diferentes formas de ler, e nele a autora traz a evolução das práticas literárias junto com um apanhado acerca das maneiras mais utilizadas para leitura atualmente. A autora nos mostra, por exemplo, que a leitura feita atualmente, de uma maneira solitária e silenciosa, era algo estranho aos sujeitos do século IV d.C., pois nesse período era comum a leitura em voz alta e em grupo. Foi com o tempo que a prática silenciosa foi se popularizando. No artigo ela ainda nos mostra que durante boa parte da história a leitura era algo das elites e, principalmente, dos homens, de tal forma que a imagem de uma mulher possuindo um livro era algo abominável, afinal, numa sociedade machista e aristocrata, esse cenário era algo inaceitável.

As práticas de leitura vêm evoluindo com a história da humanidade, bem como o modo que ela é feita. O local que o indivíduo ocupa na sociedade impactará diretamente em suas práticas, seja pelo tipo de obra que escolhe, seja pelo tipo de suporte.

Devemos ficar atentos de que “os discursos coagem e limitam essas práticas, influenciando no modo como lemos, o que lemos e até mesmo no acesso que temos a determinados objetos de leitura” (SANTOS, 2017, p. 39), ou seja, o modo como você lê também é determinado pelas instâncias de poder, pois são elas que determinarão quais indivíduos componentes de quais classes sociais poderão ter acesso a determinados objetos de leitura. O fato de tal indivíduo só ler obras em PDF baixados da internet não significa, necessariamente, que ele não goste de ler itens físicos, mas pode indicar que esse mesmo sujeito não tem condições de acesso a compra de livros físicos. Da mesma forma que uma senhora que apenas lê livros físicos não implica dizer que ela os prefere, mas talvez ela não seja alfabetizada digitalmente o bastante ainda para poder utilizar e-books ou os mesmo livros em PDF do sujeito mencionado anteriormente. E mesmo que essa mesma senhora conseguisse utilizar os meios digitais sem dificuldades, os itens disponíveis para ela podem não dispor de uma acessibilidade satisfatória; ou seja, as letras demasiadas pequenas, por exemplo, podem fazer com que ela se afaste dos meios digitais e opte pela leitura de itens analógicos.

É importante atentar também que, com o surgimento das redes sociais digitais e da comunicação escrita online, os textos lidos foram modificados. Podemos fazer isso ao ler o que Silva e Andrade Neta (2005 apud RODRIGUEZ, 1994) definem como leitura, que seria um processo perceptivo, que se define pela simples e pura decodificação de signos; um processo de compreensão, no qual o que foi lido é abstraído e entendido; e um processo criativo, onde o que foi lido tem algum efeito sobre o emocional do leitor. Isso nos dá campo para tratar a leitura em diversos aspectos, pois apenas nesses três grupos elencados, uma gama enorme de módulos de leitura pode ser encaixada. Enquanto processo compreensivo, nós podemos trazer todo e qualquer tipo de texto, de propagandas a bula de remédio. A partir do momento em que o indivíduo olha para um cartaz e identifica que aquilo se trata de uma propaganda para vender sapatos, ele acabou de realizar uma leitura. No processo criativo, temos outra enorme gama de leituras para encaixar, que vai de um livro de Harry Potter que lhe faz chorar até uma notícia no jornal ou postagem no facebook que lhe causa revolta.

A leitura literária não é somente de obras publicadas por uma editora, mas também de textos publicados em blogs, sites ou redes sociais, uma vez que agora escritores antes anônimos podem compartilhar seus textos por meio de postagens no Facebook ou Instagram.

As tecnologias digitais permitem que leituras sejam feitas o tempo todo. Ao conversar no Whatsapp, ao fazer uma postagem política no Facebook, ao fazer um teste do BuzzFeed, ao ler uma notícia no Instagram. A leitura está em nosso cotidiano mais do que nunca, e o modo como estamos realizando-a está fazendo com que as práticas de leitura se modifiquem e se adaptem a esta nova realidade, tornem-se mais dinâmicas, alargadas, necessárias e produtivas nos processos de subjetivação na interação social.

4 MEDIAÇÃO E BIBLIOTERAPIA

4.1 Mediação cultural e mediação da leitura

Como as pessoas adquirem o gosto pela leitura? Como alguém entrou em contato com um livro pela primeira vez? Será que houve alguém responsável por essa pessoa ter adquirido o gosto por ler? Essas são perguntas que dialogam diretamente com a temática que irei aqui abordar. Dentro de nossa história somos confrontados com diversos sujeitos que foram os responsáveis por moldarem nossos gostos atuais, de forma direta ou indireta; seja apresentando uma banda nova, levando ao cinema, visitando museus, contando a história do bairro, ou indicando livros e lendo para nós, esses sujeitos agiram de maneira decisiva na formação de nossas atuais identidades e de nossas personalidades. Esses exemplos que foram citados são ações típicas do que chamamos de mediação. Mas o que seria “mediação”?

Ao consultar um dicionário, encontramos mediação como “ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; intervenção” (DICIO, 2018). É comum ouvir o termo “mediação” quando se trata de questões jurídicas e conflitos como pensão alimentícia, divisão de bens ou sustento e guarda de filhos. Porém, a mediação que aqui trato não é de teor jurídico. Os objetos mediados supracitados (música, patrimônio histórico, cinema, literatura) são objetos originários da esfera cultural da humanidade, e a mediação para a apropriação desses objetos possui uma dinâmica e um modo de pensar próprios.

Definir mediação cultural em uma sentença única é um desafio, visto que existem nuances e contextos a serem levados em consideração. Podemos caracterizá-la como a criação de pontes entre sujeitos e os objetos de cultura (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014). Ela é uma maneira lidar com os conflitos socioculturais que envolvem a questão do acesso e apropriação dos bens culturais pela população.

O objetivo principal desta mediação é permitir que os indivíduos, grupos e coletividades socialmente organizados possam se apropriar de seus bens culturais, desenvolvendo um protagonismo, não apenas um consumo, e possibilitando o exercício de sua cidadania cultural em plenitude. Ou seja, realizar a mediação cultural é permitir que aqueles sujeitos que foram postos a margem da esfera cultural possam se apropriar do que lhe é de direito e que ajudam na composição de suas identidades culturais, permitindo que esse mesmos sujeitos sejam retirados da categoria de simples consumidores e espectadores do jogo cultural, dando a eles a consciência de que eles também possuem direitos acerca desses itens, e permitindo que eles possam ser protagonistas desse mesmo jogo, de forma que eles mesmos

possam produzir e possuir os elementos que compõe a formação e atuação da malha cultural da sociedade.

A mediação cultural não é feita de uma única forma. Por isso, Lima e Perroti (2016, p. 163-164 *apud* DUFRENE; GELLERAU, 2004) nos dizem que há “dois níveis de mediação - o da manifestação da mediação em atividades dos profissionais para e com um público, e o das políticas de desenvolvimento dessas ações culturais”, além de que “para entendermos ou explicarmos as práticas de mediação é preciso que nos coloquemos numa perspectiva sociológica, admitindo pensar a mediação cultural como sistema de mediações”. Isso implica refletir que quando se fala de mediação cultural, fala-se de uma rede de ações, explícitas ou implícitas, que agem em prol da garantia do protagonismo cultural pela população, de acordo com os autores citados.

Em questões mais concretas, as ações explícitas são aquelas na qual os atores são vistos de forma clara e na qual as ações de intermediação podem ser sentidas de maneira mais evidente (ALMEIDA JR, 2009). Como exemplos disso temos o programa Cine Sesi Cultural, que exhibe filmes em cidades do interior do Brasil ou o Som Na Rural, um projeto envolvendo um veículo que leva música para diversas localidades da cidade do Recife. Já as ações implícitas são aquelas nas quais a mediação não pode ser vista de maneira evidente e ela se realiza de caráter mais estrutural (ALMEIDA JR, 2009). A exemplo disso podemos citar o modo como as bibliotecas organizam e disponibilizam o seu acervo, desde o modo como os livros estão dispostos nas estantes até a presença de expositores ou em uma seção de “novas aquisições”.

A mediação cultural, contudo, não se limita unicamente a dar acesso, mas sim em criar as condições ideais para que os sujeitos possam ter esse acesso para uma apropriação cultural. Portanto, “a mediação cultural é o ato de criar condições culturais e cognitivas para os embates entre atores e signos” (LIMA; PERROTI, 2016, p. 167). Ela surge como negociação para um conflito social no qual há sujeitos que não possuem as condições ideais de acesso aos bens culturais; ela negocia nesse conflito a partir da criação de mecanismos, situações e condições que permitam o acesso, a assimilação, a resignificação e a apropriação de saberes e objetos culturais, bem como da cultura em si.

“[...] não se trata tão somente de fazer a transmissão ou permitir o acesso aos signos. É preciso criar vínculos simbólicos entre os diferentes, espaços de transição, pontos de convivência que tornam possível o “viver juntos”, em especial em época de mudanças que alteram relações de tempo e espaço, via tecnologias virtuais cada vez mais onipresentes na experiência cotidiana, em escala global” (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p. 11)

A criação das condições ideais e a tentativa de diminuir as barreiras sociais que impedem que a cidadania cultural seja exercida em plenitude devem ser realizadas levando em consideração que o objeto cultural é, muitas vezes, visto como algo longe do alcance dos sujeitos postos a margem. Torna-se necessário também a tentativa da criação de um vínculo entre os sujeitos e os objetos, de forma que o primeiro possa se ver no segundo e sentir-se pertencente a ele.

“Os objetos culturais são signos e, mais que isso, *discursos* potencialmente capazes de produzir deslocamentos intelectuais, emocionais, afetivos, [...] constituem-se como realidades concretas e objetivas, permeadas e dividindo o espaço social com outros fenômenos e sujeitos” (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p. 8)

A mediação cultural pode se dar em toda e qualquer manifestação concreta da esfera da cultura. Ela é ampla e engloba todas as manifestações culturais da sociedade e dentro dessas manifestações podemos encontrar a literatura e, por consequência, a leitura. A mediação de leitura é mediação cultural e, sendo assim, é um ato de responsabilidade. Ela tem o poder de atingir leitores em potencial e aproximá-los definitivamente do mundo literário, ou pode até mesmo afastar esses leitores, dependendo da forma que for feita.

Para mediar leitura, temos que levar em consideração que ela “é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros” (PETIT, 2009, p. 149) e que, portanto, não deve ser feita de maneira descompromissada. Mediar leitura é construir uma ponte para que sujeitos sejam capazes de construir mundos internos e fornecê-los as ferramentas para a compreensão do mundo externo, é abrir portas para uma edificação interior e para uma constante reconstituição da própria identidade.

A mediação de leitura coloca o indivíduo em contato com sua própria linguagem, que nada mais é que o instrumento maior de compreensão e exercício da vida social. Ao mediar uma leitura, seja de forma direta ou indireta, o mediador está fornecendo os mecanismos necessários para que o leitor possa ver e construir seus próprios caminhos, tanto na vida pessoal, enquanto indivíduo único em constante jornada, quanto na vida social, enquanto indivíduo socialmente organizado pertencente a uma dinâmica sociocultural de relações políticas e ideológicas. Permitir que o sujeito entre em contato com sua própria linguagem é permitir que ele possua esses mecanismos de mudança e edificação interior e social.

“[...] a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. Pois os livros roubam um tempo do mundo, mas

eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido, ao leitor. E ainda sugerir que podemos tomar parte ativa no nosso destino” (PETIT, 2009, p. 148)

A mediação de leitura é um jogo de sedução no qual o mediador passa paixão e gosto pela leitura e pelo escrito e tenta convencer o leitor a se aventurar por entre as páginas da obra. É necessário afeto e cuidado e o estabelecimento de uma relação amigável entre as duas partes. Acima de tudo, promover a leitura enquanto caráter obrigatório, apresentando-a ao leitor como um dever, pode afastá-lo e dificultar uma possível aproximação literária.

Existem maneiras de mediar leitura, que podem ir desde a simples indicação de um livro até o ato de ler para alguém, mas a chave para uma mediação não está apenas no ambiente em que ela é realizada, mas também na pessoa que está assumindo o papel de mediador. Petit (2009) afirma que o mediador tem o poder de legitimar um ato de leitura. A partir do momento em que um sujeito indica um livro para alguém, ou simplesmente permita que esse alguém leia o que ele quiser, está tornando oficial o ato leitor e está permitindo com que esse mesmo alguém se sinta livre para expressar seus desejos literários sem preocupação com determinações ou deveres de leitura.

O mediador aqui tem um papel difícil, que é o de resgate. Petit (2009) também afirma que durante a trajetória de todo ser humano haverá momentos que podem causar um afastamento da leitura. A autora vem chamar esses momentos de *umbrais*. Esses umbrais criam barreiras que atrapalham o progresso da construção do sujeito leitor, e com isso, a autora diz que o mediador não só inicia a leitura, mas também acompanha esse trajeto de forma que possa encontrar maneiras de impedir que os tais umbrais impeçam o progresso leitor. As origens dos umbrais são variadas, mas muitas estão relacionadas às questões socioeconômicas dos leitores em potencial, que, como já foi explicado anteriormente, minam o acesso aos dispositivos de leitura por parte das classes menos favorecidas.

Existem cuidados a serem tomados ao mediar leitura. Um deles é o mediador não impor suas ideologias e gostos pessoais ao indicar um livro ou realizar uma leitura. Sobre isso, Petit (2013) nos acrescenta:

“Muitas vezes, nos meios onde ler não é habitual, os mediadores tentam chamar atenção das pessoas com livros que supostamente têm a ver com elas. Porém, depois, nem sempre lhes dão a oportunidade de passar para outra coisa, de ampliar seu universo cultural. Então os vemos condenados a voltarem sempre ao seu ponto de partida” (PETIT, 2013, p. 26)

É necessário permitir que o leitor evolua em suas preferências literárias, fornecendo-lhe novos horizontes a serem explorados além daquele que foi seu ponto de partida. Não

devemos limitar a experiência leitora de alguém com base no que nós cremos ser bom para ele, é imprescindível a existência de um diálogo entre leitor e mediador no qual haja um companheirismo nas relações mediadas. O mediador passa a leitura ao sujeito, que o responde de maneira afirmativa ou negativa, e o sujeito comunica ao mediador suas preferências, curiosidades, estigmas e receios, de modo que a mediação possa ser feita de uma maneira cujas ambas as partes sejam capazes de se expor e se compreender. Mediar leitura é estabelecer um diálogo e uma relação de amizade.

A mediação de leitura deve ser algo livre e fluído, que ocorre de maneira natural e sem compromissos de deveres. O leitor deve ser deixado livre para percorrer as mais diversas gamas da esfera literária, permitindo uma constante evolução e, sempre, respeitando o tempo e as nuances do leitor. Ler é tomar posse da própria língua, e a partir dessa posse, o sujeito é capaz de compreender o mundo a sua volta e compreender a si próprio; é capaz de entender os fenômenos sociais, políticos e culturais que o circunda e identificar qual seu lugar dentro deste orbe. Acima de tudo, tomar posse da língua é poder construir sua identidade, destruí-la e reconstruí-la quantas vezes forem necessárias, permitindo a constante mudança e o constante engrandecimento intelectual e pessoal. Mediar leitura é garantir que os sujeitos se apropriem de sua própria linguagem de forma que se tornem capazes de se apropriarem e protagonizarem sua própria cidadania cultural, bem como tenham os mecanismos necessários para desenvolver um novo mundo dentro e fora de si, além de permitir uma autocompreensão e um novo descobrimento a cada experiência leitora. Mediar leitura é construir uma ponte entre o sujeito e o mundo e entre o sujeito e si mesmo.

Freire (2008, p. 20) nos diz que “[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”, ou seja, ao ler e escrever, o leitor revive seu passado e reescreve de maneira subjetiva o que lê a partir do momento em que a experiência de leitura se encontra com seu acervo de memórias. A leitura, para Freire, é minha maneira de conectar-me com o mundo a minha volta, de me sentir parte dele, pois é através da palavra que eu posso estabelecer relações com esse mundo. Ela é uma continuidade da leitura e vivência no mundo.

Ao ler, eu posso associar minha vivência na vida com a minha vivência na palavra, e a partir dessa conexão eu posso estabelecer sentidos ao que vivencio em ambos os mundos. Utilizar os conhecimentos da palavra para entender a realidade, usar os conhecimentos da realidade para respaldar a palavra e usar essa vivência como forma de desenvolvimento

interno e subjetivo e como mecanismo de edificação do sujeito crítico, autoconsciente e socialmente ativo.

4.2 Biblioterapia e a leitura restauradora

Viver não é fácil. Na verdade, a coisa mais desafiadora da vida é enfrentá-la e sobreviver a todos os obstáculos e percalços que ela nos mostra. Em momentos sombrios e de dificuldade, uma mão estendida em nossa direção pode ser nossa salvação, e em muitos casos, um livro em mãos pode nos ajudar a caminhar por esse trajeto nefasto.

Como já foi mencionado anteriormente, a leitura tem um papel de construção e reconstrução de nós mesmos. Quando estamos quebrados e sem esperanças em relação ao mundo em nossa volta, ler muitas vezes pode abrir o caminho para nossa reabilitação e conseqüente melhora. Ela pode agir como uma válvula de escape de modo que o leitor pode se resguardar dentro de um mundo interno, onde suas fantasias e seus desejos são aflorados e onde ele poderá refletir sobre si mesmo, se (re)conhecer e então encontrar a estrada que o levará para fora de seu estado atual.

A leitura restauradora serve para recuperar o sujeito em crise, para colocá-lo em trabalho de introspecção e de imaginação.

“Na leitura há algo mais do que o prazer, algo que é da ordem de um *trabalho psíquico* [...] que permite encontrar um vínculo com aquilo que nos constitui, que nos dá lugar, que nos dá vida. [...] Quando a pessoa se sente despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital. E nas leituras, ou também na contemplação de obras de arte, há algo que pode ser profundamente reparador.” (PETIT, 2013, p. 68)

Ler em momentos de trevas pessoais é uma maneira de se reconectar com o mundo, seja através de uma leitura de ficção, seja através de algo que fale diretamente sobre o que estamos passando. Petit (2013) traz relatos acerca desse papel restaurador, como o caso da menina Carlota, uma bebê prematura que estava sob cuidados em um hospital, cujos médicos reparam que suas taxas de controle e normalizavam e se estabilizavam sempre que sua mãe ia lhe contar histórias; ou o caso do autor Benhard, cuja leitura de *Os demônios* de Dostoiévski lhe deu as forças para querer se recuperar e buscar novas obras. As obras não precisam necessariamente falar exatamente sobre o que está acometendo o leitor, tampouco necessitam trazer uma identificação imediata com algum personagem, elas precisam, factualmente,

despertar no leitor sentimentos bons, trazer alegria, alívio, conforto e fornecer a ele a força para sair de seu estado e procurar novos horizontes.

Seja em coletivo, mediada, ou de maneira solitária, a leitura restauradora serve como aliada na reabilitação de sujeitos acometidos por males sejam eles doenças, luto, perdas ou frustrações; partindo desse princípio, a biblioterapia surge como uma ação de aplicação da leitura restauradora para sujeitos em dificuldades.

Bertolin e Silva (2016, p. 53 OUAKNIN, 1996, p. 11) definem biblioterapia como “a terapia por meio de livros”. Silva (2014, p. 45) traz uma definição mais poética acerca dela, como “uma terapia da alma que se faz por meio de textos literários”. Ela age por meio da mediação de leitura para indivíduos com algum tipo de enfermidade, ou acometidos por algum outro mal, como uma prescrição de medicações literárias.

“Com a biblioterapia é possível nortear o leitor e levá-lo para outro ambiente, inseri-lo em locais nunca vistos, possibilitando sensações, vibrações de um mundo muitas vezes inexplorado. Dependendo do gênero do livro, que será narrado pode provocar lembranças antigas, relacionar fatos antes desconhecidos” (BERTOLIN; SILVA, 2016, p. 53-54)

A biblioterapia visa mostrar para o sujeito em dificuldade que ele não está só e tenta recuperá-lo provendo conforto e distração por meio das ações de intervenção. Ela quebra o ambiente frio onde o leitor se encontra e fornece-o momentos de distração e lazer. O biblioterapeuta é o mediador que vai fornecer os insumos ao leitor, porém o grande foco da biblioterapia - e o que vai agir diretamente nos males que acometem os sujeitos - é a relação que esses sujeitos irão estabelecer com os textos lidos e com as ações culturais realizadas, uma vez que “devido ao poder que as palavras e as imagens têm de evocar emoções pretéritas, a leitura desperta emoções positivas e negativas, que poderão influenciar na forma como percebemos o mundo” (SILVA; ANDRADE NETA, 2005)

Contudo, apesar de não ser o único protagonista da biblioterapia, o biblioterapeuta possui um papel fundamental para uma boa mediação de leitura restauradora. O diálogo que ele estabelecerá com os leitores é extremamente importante. Eles devem se sentir ouvidos, compreendidos, acolhidos, e jamais devem ser forçados a ler algo ou passar por uma intervenção que não desejam. É necessário um cuidado especial, empatia, humanidade e abdicar de quaisquer vaidades que possam interferir nas ações. O mediador aqui está agindo por altruísmo e por vontade de ajudar um sujeito em estado fragilizado a se recuperar, não deve jamais impor suas vontades ao mesmo e deve estar disposto a ouvir as respostas do

leitor, de forma que possam juntos desenvolver as atividades necessárias para uma reabilitação saudável e sem problemas.

“eu me mostro ao outro e o outro se mostra para mim, com tanta intensidade e persistência que minha individualidade e a individualidade do outro abdicam do singular e cedem lugar à universalidade. [...] Ao realizar as atividades de biblioterapia, entende-se que o outro não se apresenta de frente, quer dizer, ele não mostra sua verdadeira face, receia não ser amado pelo que é, posto que tem defeitos e idiossincrasias. O cuidado se manifesta, então, na preocupação em tranquilizar o outro, em mostrar que não se está fazendo julgamento de condutas nem impondo uma norma de comportamento.” (CALDIN, 2009, p. 67)

O biblioterapeuta deve trabalhar para construir um ambiente familiar e amistoso, que convide o leitor para participar e que proporcione sensações de alívio e acolhimento (CALDIN, 2009, p. 67). É como um grande abraço depois de um dia ruim. Deve-se ter em mente que o sujeito para o qual eu estou me direcionando está em uma situação de fragilidade emocional e psicológica que o coloca na defensiva e mina sua autoestima, e que para muitos, os dias são extremamente solitários e aquele será o único momento de contato realmente humano com outro sujeito. É necessário amor, compaixão, empatia e dedicação.

Outro cuidado a ser tomado com os leitores é em relação à escolha das obras. Não há como realizar uma mediação de leitura com qualquer texto, sem responsabilidade nenhuma com o ambiente e os sujeitos que lá estão, pois as histórias, como já foi dito anteriormente, possuem uma ligação com nosso emocional e nossas lembranças de tal forma que “assim como pode gerar uma força para não se deprimir, também poderá ser determinante para transmitir ainda mais ansiedade e tristeza” (BALBINOTTI, 2017, p. 33). A escolha das obras é algo a ser feito com muito cuidado, e temas mais delicados como abandono, violência dos mais variados tipos, abusos e morte podem ser gatilhos para despertar traumas antigos e piorar de maneira preocupante o estado do leitor.

Contudo, é necessário que o mediador também tome certas precauções consigo mesmo antes de realizar uma intervenção biblioterapêutica. Ele necessita ter em mente que estará entrando em um ambiente doente com seres em situações delicadas, portanto é necessário que ele esteja saudável, tanto fisicamente quanto mentalmente, de forma que o ambiente não o afete em demasia evitando a criação de um ambiente mais melancólico e um adoecimento maior de si mesmo.

Existem tipos de biblioterapia, e de acordo com Silva (2014, p. 52-53 *apud* PEREIRA, 1996, p.50) podem ser citadas três delas:

1. **Biblioterapia institucional:** realizada de maneira individual com pacientes internados, cujas obras são escolhidas por um bibliotecário em parceria com uma equipe médica com propósitos recreativos e informativos. As obras são escolhidas de maneira direcionada para cada paciente participante.
2. **Biblioterapia clínica:** as obras são de “literatura imaginativa” e são escolhidas por um médico ou bibliotecário, agindo de maneira individual ou em conjunto, com foco em pessoas acometidas por problemas emocionais cujo objetivo é a mudança de comportamento.
3. **Biblioterapia desenvolvimental:** realizada por um bibliotecário, professor ou outro profissional, com foco em pessoas sem nenhum tipo de enfermidade ou transtorno mental diagnosticado, mas que são acometidas por adversidades (como preconceitos diários, divórcios, luto, etc.) cujo um dos objetivos é a manutenção da saúde mental.

Além disso, a biblioterapia não utiliza apenas de livros como seu instrumento de trabalho, mas também “utiliza outras ferramentas, contemplando as várias formas de leitura, por exemplo, de textos não verbais (jogos, imagens, música)” (BENTES PINTO, 2005, p. 39) de forma que as sessões sejam mais lúdicas e possam permitir uma melhor interação entre pacientes e biblioterapeuta, evitando ser uma relação unilateral na qual apenas um dos indivíduos realiza a ação, e permitindo ser uma relação plural, na qual todos os envolvidos participam ativamente das sessões e das atividades realizadas.

“ao valer-se de leitura, narração, dramatização, brincadeiras, jogos, música, dança e diálogo, a preocupação dos aplicadores da biblioterapia é com o bem-estar do ser total, com o fortalecimento dos fatores formadores do equilíbrio e com a eliminação das perturbações (que não são acontecimentos isolados, mas se encontram em um contexto cultural, social e histórico).” (CALDIN, 2009, p. 75)

A biblioterapia pode ser aplicada tanto num contexto de saúde física (como mediações em setores de oncologia ou geriatria de hospitais), como num contexto de saúde mental. Sobre este último, há estudos realizados por pesquisadores tanto de áreas como a psicologia, como a biblioteconomia, que comprovam a eficácia do tratamento biblioterapêutico dentro do quadro da saúde mental.

Há contradições de alguns pesquisadores acerca do uso da leitura no tratamento de pacientes psicológicos como bem mostra Silva (2014) em parte de seu trabalho, entretanto, neste mesmo trabalho, a pesquisadora realizou um estudo prático dentro de uma unidade de

tratamento com pacientes acometidos por transtornos mentais, como Transtorno Bipolar e Transtorno Obsessivo-Compulsivo. A pesquisadora constatou que depois da realização de seis sessões de biblioterapia, utilizando-se de diversas ferramentas e estabelecendo uma relação de diálogo amistoso com os pacientes, os pacientes demonstraram uma melhora em seus estados “tendo-se estes recreado, refletido sobre os seus problemas, sentimentos e emoções, através dos textos lidos, seus comentários em grupo aos mesmos, através das atividades escritas e atividades lúdicas que foram realizadas.” (SILVA, 2014, p. 186)

Aliado a isso, a pesquisadora também afirma que foi perceptível o bem-estar dos pacientes durante as sessões e após o término, com as respostas recebidas. Além disso, ela também afirma que houve uma melhora na comunicação entre os pacientes e do compartilhamento de sentimentos e emoções entre os mesmos e sentiram-se mais confortáveis em partilhar aspectos de suas vidas pessoais.

Em relação à depressão, o terapeuta cognitivo-comportamental Floyd (2003) realizou um estudo com pacientes idosos diagnosticados com depressão utilizando a indicação de livros como adjunto ao tratamento. Ele elenca alguns motivos para utilizar a leitura como auxílio à terapia cognitivo-comportamental; o primeiro deles seria a aceleração do processo de aprendizagem, pois “uma vez que os clientes tenham aprendido as técnicas, o tratamento progride rapidamente” (p. 188, tradução nossa). O segundo motivo seria que, uma vez que o paciente aprende o básico da TCC com uso da biblioterapia, o tempo nas sessões diminui e passa a ser usado para focar no progresso interpessoal. O terceiro seria o fato da biblioterapia poder reforçar ou identificar outras “deficiências” que não eram o foco inicial da terapia. E em seguida, ele afirma que se há alguma limitação em relação ao tempo da terapia com o paciente, a biblioterapia compensa essa falta de tempo. E, por fim, ele diz que a “biblioterapia é autoadministrada e, de tal forma, aumenta o sentimento do cliente de responsabilidade pela psicoterapia e pela autoeficácia do tratamento” (p. 188, tradução nossa).

Em seu estudo, Floyd (2003) indicou um livro para cada um de seus pacientes. O primeiro foi *Feeling Good* (autoria de Burns, 1980) e o segundo foi *When I Say No, I Feel Guilty* (autoria de Smith, 1975). Em ambos os casos ele constatou que a biblioterapia foi uma excelente escolha e os pacientes apresentaram melhora em seus quadros.

Diante disso, podemos esperar que a biblioterapia seja usada por profissionais da saúde e bibliotecários no auxílio para a redução do sofrimento físico e psicológico que acomete sujeitos das mais variadas instâncias. Bentes Pinto (2005) nos lembra que é necessária a parceria entre esses dois profissionais para que o tratamento dê certo, bem como

a leitura realizada sem o acompanhamento de um tratamento terapêutico não se traduz em biblioterapia. Ela precisa de um acompanhamento profissional para evitar possíveis quadros de piora ou o surgimento de gatilhos emocionais de eventos traumáticos.

Mediar leitura para um sujeito em sofrimento emocional é um ato que necessita de compaixão. É se prontificar a ajudar e se abrir para que o outro o conheça e encontre conforto em meio seu caos mental. É permitir uma relação de empatia e amizade, na qual biblioterapeuta e paciente trabalham juntos, permitem-se serem tocados, e permitem que um se veja no outro, contemplando a própria humanidade e permitindo a construção de uma ponte para longe das sombras da tristeza e da dor.

Nesse contexto, a leitura literária pode servir como auxílio no tratamento da depressão por ser uma forma indireta de contato com a realidade. A leitura do texto ajuda a compreender o mundo por um ser um fragmento do outro; e o texto transmite, de maneira íntima, reflete e dá voz aos desejos, sonhos, medos e traumas que o leitor guarda em si. O sujeito deprimido que realiza uma leitura literária poderá encontrar nos escritos uma maneira de dar vazão aos sentimentos que o atormenta e, por consequência, compreender o que passa consigo mesmo.

A leitura individual e solitária seria o momento em que o sujeito deprimido poderia se resguardar em seu mundo pessoal e dar nome as coisas em sua cabeça cuja identidade ele ainda desconhece. Poderia, então, observar sua própria vida, refletida nas palavras de outro alguém, e perceber que há um caminho para fora de sua solidão emocional. Com isso, o sujeito deprimido que se encontra isolado das relações sociais poderia, aos poucos, se sentir reinserido nesse meio a partir do momento em que ele percebe que aquilo que ele lê está falando daquilo que ele vive, viveu ou poderia viver.

Não só isso, mas ao mediar uma leitura para o deprimido, o biblioterapeuta estaria estabelecendo a relação de companheirismo que ele possa necessitar, além de incentivá-lo a ler literatura e mostrar que ele é capaz de tal ato. O biblioterapeuta estaria mostrando caminhos para o deprimido que vão mais além e que podem engrandecê-lo pessoalmente. Incentivar a descobertas de novas literaturas e dar a ele a força interna necessária para buscar novos ares e voltar à dinâmica social. Indo além, as ações culturais realizadas nas mediações podem fornecer segurança aos deprimidos que se sentem receosos, mesmo sem perceber, de estabelecerem contato com outras pessoas, como bem mostrou o estudo de Silva (2014) mencionado mais acima.

A biblioterapia num contexto de depressão, portanto, seria uma forma de reabilitação social desses sujeitos, preparando-os para a regressão a vivência em sociedade, um

mecanismo de incentivo a buscas por novidades e uma forma com que os deprimidos possam se sentir seguros para falar sobre assuntos que normalmente não falariam; refletir sobre questões que sejam importantes a nível pessoal, igualmente como também poderiam se sentir reconfortados a partir da leitura de textos que falem de assuntos que dialoguem com a realidade individual de cada um, além de poder suprir necessidades que esses sujeitos tenham em relação às sessões terapêuticas, mas que acabam não sendo supridas por questões diversas, servindo então como uma aliada no tratamento psicoterapêutico desses sujeitos.

5 CONSTITUINDO UM MEDIADOR CULTURAL E DE LEITURA?

Em decorrência das discussões previamente realizadas, devemos nos ater agora a que habilidades e critérios que podem definir um mediador cultural e de leitura; em seguida, será realizada uma análise do PPC do curso de Biblioteconomia da UFPE no tocante ao assunto.

Destarte, podemos nos apoiar novamente nos escritos de Petit (2009) quando a autora nos traz uma série de características a serem encontradas em bibliotecários mediadores, quais sejam:

- O bibliotecário mediador deve ser hospitaleiro ao leitor, tornando a experiência de leitura e mediação algo simbólico e encantador.
- É necessário conhecer seu leitor, seus gostos e preferências.
- Não se pode promover leitura como obrigação. É preciso respeitar a individualidade do leitor e seu direito de escolha. Um bibliotecário mediador jamais deverá impor seus gostos pessoais.
- É necessário garantir que o leitor tenha acesso a escolhas. Fornecer-lhe opções de leitura e deixá-lo ciente de que ele é livre para ser e ler o que ele bem entender e desejar.⁶
- Deve-se realizar um acompanhamento do leitor, permitir seu crescimento, levá-lo por outros vieses literários se assim o desejar.
- A relação estabelecida com o leitor é de diálogo. Deve-se evitar que ele entenda que o bibliotecário esteja invadindo seu espaço pessoal. O que deve ser lido é o que de fato é bom para o leitor e não o que se acredita que seja.
- Um bom conhecimento de literatura facilita na sugestão, seleção e disseminação de obras, seja por solicitação do leitor, seja por iniciativa do próprio bibliotecário.
- A mediação de leitura deve ser fluída e jamais determinada por modelos fixos e limitantes.

⁶ Importante lembrar que este critério é utilizado para mediações culturais e de leitura num contexto mais geral. Na questão da biblioterapia, há uma limitação neste quesito uma vez que algumas obras são passíveis de despertar traumas e servir como gatilhos emocionais. Desta forma, ao mediar leitura para um sujeito em fragilidade emocional, é feita uma seleção prévia das obras a serem mediadas e o sujeito é deixado livre para transitar entre elas.

Essas mesmas características que Petit define para um bom bibliotecário mediador de leitura podem ser aplicadas a qualquer outro tipo de manifestação cultural, já que ela, assim como a mediação de leitura, visa o protagonismo cultural do cidadão.

Diante dessas perspectivas, podemos nos questionar se nossas escolas de Biblioteconomia estão realmente formando bons bibliotecários mediadores. Em decorrência disso, busco agora analisar o Projeto Político Pedagógico Curricular do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (2011) e avaliar que tratamento o mesmo dá a formação do bibliotecário enquanto mediador cultural e de leitura.

O perfil vigente na UFPE no momento de concepção deste trabalho, o PPC aborda de que maneira o curso de Biblioteconomia de Pernambuco deverá preparar seus alunos para a atuação profissional. Em seu marco teórico-conceitual, o documento trata em algumas partes da questão sociocultural da formação bibliotecária ao mencionar, por exemplo, a ocupação das comunidades periféricas dos equipamentos de cultura por meio da criação de bibliotecas comunitárias devido ao descaso por parte do poder público no tangente a esta questão; a necessidade da capacitação de profissionais com temáticas que abordem os mais variados tipos de bibliotecas e as questões das ações culturais para uma promoção de uma apropriação cultural, e, mais explicitamente, ao dizer que a formação do profissional “deve prepará-lo como agente de mediação cultural contribuindo para a redução das assimetrias entre indivíduos ou grupos e os bens simbólicos em contextos sociais específicos” (UFPE, 2011, p. 12).

Ao partir para os objetivos gerais, a mediação cultural aparece explícita em apenas um dos cinco deles. Tal objetivo trata de “Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos ligados à informação e cultura” (UFPE, 2011, p. 14). Desta forma, ele visa formar o bibliotecário como instigador do protagonismo sociocultural de maneira que, ao elaborar, coordenar e executar projetos de disseminação cultural, ele poderá estar auxiliando na aproximação das comunidades carentes com os objetos e saberes de cultura, o que fica explícito ao olhar para os objetivos específicos (apenas um dos seis existentes continua a abordar a questão da mediação cultural) ao dizer que visa “Elaborar e realizar atividades culturais de promoção e democratização da informação em bibliotecas e em outros dispositivos culturais” (UFPE, 2011, p. 14).

O texto nos traz ainda mais materiais acerca da questão cultural do trabalho bibliotecário ao abordar o perfil profissional que se pretende formar ao dizer, por exemplo, que o graduado deve ser

“motivado para acompanhar a evolução do conhecimento científico, artístico e cultural, voltado para uma prática profissional criativa; comprometido com o desenvolvimento sócio-cultural e científico-tecnológico no contexto onde atua” (UFPE, 2011, p. 16)

E, muito embora haja uma clara tentativa a respeito da formação do bibliotecário cultural, a disposição da grade curricular do curso não reflete tal desejo. Apenas uma disciplina do Ciclo Básico (Informação e Sociedade), dentre nove, e uma do Ciclo Profissional (Políticas de Informação e Cultura), dentre 23, são capazes de lidar com tal teor; a maior concentração de disciplinas que lidam com tal assunto se encontram nos Componentes Eletivos (seis num total). Observa-se que há um claro desequilíbrio na distribuição dessas disciplinas, o que não vai de acordo com uma das propostas do PPC para a área cultural. Apesar de demonstrar interesse nessa área, a grade curricular reflete uma clara preferência por uma formação ainda tecnicista e voltada para o tratamento documental, deixando o teor social da formação bibliotecária em segundo plano.

Quadro 2 - Disciplinas de mediação de leitura e cultural.

DISCIPLINA	CÓDIGO	CICLO
Informação e Sociedade	BI597	Ciclo básico (obrigatória)
Políticas de Informação e Cultura	BI605	Ciclo profissional (obrigatória)
Ações, Instituições e Bens Culturais	BI617	Componente eletivo
Cultura Brasileira 1	LE741	
História da Cultura	HI277	
Mediação da Informação e Relações Étnicorraciais	BI653	
Seminários de Leitura	BI630	
Tipologias de Bibliotecas	BI632	

Fonte: UFPE, 2011.

Ao avaliar as ementas das disciplinas, as que melhor dialogam com a temática da mediação cultural são: Mediação da Informação e Relações Étnicorraciais, Políticas de Informação e Cultura, Ações, Instituições e Bens Culturais, e Seminários de Leitura; e para fins de melhor análise, as chamarei aqui de *disciplinas de atuação cultural*.

Já Informação e Sociedade, Tipologias de Bibliotecas, Cultura Brasileira 1 e História da Cultura são componentes que servem para dar o embasamento teórico necessário para a realização de uma mediação cultural de qualidade, e que aqui serão chamadas de *disciplinas de embasamento cultural*

As *Disciplinas de Atuação Cultural* dialogam acerca do papel do bibliotecário agindo diretamente na sociedade por meio da intervenção e da mediação cultural. Baseado no Perfil Curricular 0406 do curso (2013)⁷ pode-se dizer que os componentes dão conta de falar sobre as instituições produtoras de cultura e seus papéis dentro da dinâmica social e das relações com as comunidades em volta; a relação da informação com nichos sociais e como ela colabora para a formação de uma identidade social e, por consequência, cultural; o dever das instâncias de poder dentro da esfera cultural da sociedade e que maneiras o bibliotecário, como mediador cultural e agente de mudança social, poderá intervir para permitir que os sujeitos postos a margem dessa dinâmica social possam se sentir inseridos e, por consequência, protagonizar sua própria cultura a partir da elaboração e análise de políticas e projetos culturais para tal fim; os textos como produção de sentido e como elementos de edificação interior, de compreensão do mundo, da sociedade e das relações dos sujeitos com eles mesmos e com os outros.

Essas quatro disciplinas se encaixam dentro dos parâmetros ditos por Petit mais acima para a formação de um bom mediador. Ao abordar as nuances das relações entre cultura e sujeitos e como um mediador pode facilitar essa relação, as disciplinas colaboram para a formação de um bibliotecário crítico acerca do seu papel dentro da sociedade e como formador de outros sujeitos críticos e conscientes de seus lugares no mundo.

As *Disciplinas de Embasamento Cultural* servem como apoio para o bom desempenho dos conhecimentos apreendidos nas disciplinas mencionadas nos parágrafos anteriores. Elas ajudam ao bibliotecário em formação a compreender a dinâmica social por trás da informação e das relações que ela possui com a cultura, bem como a trajetória que esta última possui ao longo da história da humanidade e como ela se configura nos dias de hoje, além de dar o embasamento necessário para que os profissionais possam conhecer as mais variadas formas de bibliotecas de maneira que sejam capazes de desenvolverem projetos e ações culturais voltados para essas tipologias ao estarem atuando no mercado de trabalho.

Apenas esse pequeno nicho de componentes curriculares não basta para uma abordagem eficaz acerca da formação de um bibliotecário enquanto mediador cultural e de leitura, principalmente, ao se atentar de que apenas duas delas são conteúdo obrigatório. A formação do bibliotecário na UFPE, nesse quesito, está deficitária, tornando-se necessário a

⁷ Disponível em: <https://biblioteconomiaufpe.wordpress.com/disciplinas/disciplinas-perfil-0406/> e em <https://www.ufpe.br/biblioteconomia-bacharelado-cac>

criação de mais disciplinas obrigatórias que atentem para esse aspecto da composição do profissional.

Indo mais adiante, em matéria da formação do bibliotecário enquanto biblioterapeuta, apenas a disciplina **Seminários de Leitura** consegue atender de alguma forma. O conteúdo programático da disciplina versa sobre os diversos tipos de leitura e as diversas formas de ler, o texto enquanto elemento produtor de sentidos, a literatura de modo alargado e o leitor enquanto sujeito ativo nesta produção. Apesar disso, existem outros componentes curriculares ofertados na graduação de Biblioteconomia da UFPE que poderiam servir como base para o estabelecimento de debates acerca do papel do bibliotecário dentro do âmbito da saúde e, em especial, da saúde mental e da depressão, como mostrado no quadro abaixo. Para uma melhor organização dos papéis que as disciplinas poderiam desempenhar, elas foram divididas em três eixos: *disciplinas de atividades relacionadas*, *disciplinas de atividades aplicadas* e *disciplinas de desenvolvimento específico*. Sendo assim:

Quadro 3 - Disciplinas para desenvolvimento da Biblioterapia.

DISCIPLINA	EIXO	CARATÉR DE OFERTA
Serviço de Referência e Informação	Disciplinas de Atividades Relacionadas	Obrigatória
Usuários da Informação		Eletiva
Informação em Saúde		
Políticas de Informação e Cultura	Disciplinas de Atividades Aplicadas	Obrigatória
Ações – Instituições e Bens Culturais		Eletiva
Tipologias de Bibliotecas		
Informação e Sociedade	Disciplinas de Desenvolvimento Específico	Obrigatória
Estágio Supervisionado		
Práticas em Biblioteconomia e Ciência da Informação		
Seminários de Leitura		Eletiva
Tópicos Especiais em Recursos e Serviços de Informação		
Tópicos Especiais em Biblioteconomia		

Fonte: UFPE, 2011

As *Disciplinas de Atividades Relacionadas* recebem este nome devido ao fato de suas ementas não deixarem explícito que uma atividade direcionada para o âmbito da saúde mental

e de indivíduos deprimidos possa ser realizada e ela não possui diretrizes explícitas para a formação de um bibliotecário dentro desse âmbito, porém, os conteúdos ministrados na disciplina podem servir como base para um estudo aplicado na área posteriormente.

Assim explico: um dos objetivos que constam na ementa da disciplina **Serviços de Referência e Informação** é “A interação e a colaboração. Atendimento e educação do usuário” (2013). Desta forma, partindo desse objetivo, o professor que ministrar tal disciplina pode incentivar o aluno que deseje seguir no ramo de atuação em biblioterapia e saúde mental a conhecer as melhores maneiras de estabelecer um diálogo com um usuário, atendendo suas necessidades e realizando um serviço de referência especializado. Porém, como a disciplina é Relacionada, o estudante que desejar se apropriar de fato dos conhecimentos no tocante a questão deverá procurar apoio acadêmico em outras disciplinas que possam complementar a experiência e aprendizagem.

Por sua vez, a disciplina **Usuário da Informação** tem em sua ementa o objetivo “Estudo do perfil do usuário. Identificação das necessidades do usuário” (2013). Desta forma, o estudante que opta por cursar tal componente poderá saber as maneiras de identificar as necessidades de um usuário para realizar um melhor serviço. O professor pode optar por realizar atividades na disciplina que visem o estudo de usuários acamados em hospitais, bem como deixar livre para que os próprios alunos realizem tal atividade se assim os desejarem. Independente das atividades direcionadas serem ou não realizadas, a ementa da disciplina dá conta de preparar o estudante para conhecer as necessidades de outro sujeito, e aqueles que desejarem trabalhar e/ou estudar de uma maneira mais direcionada o tema poderá procurar disciplinas em outros cursos que possam completar a experiência. Esta disciplina serve de complemento para a anterior.

E, muito embora não prevejam em suas ementas de maneira clara as relações entre serviço de referência/estudo de usuário e biblioterapia, Silva (2014, p.50) prevê que a biblioterapia é uma forma de serviço de referência (o que a autora vem chamar de *aconselhamento de leituras*) ao afirmar que “a Biblioterapia pode ser vista como uma forma aperfeiçoada da função de aconselhamento de leituras, ou por outras palavras, o aconselhamento de leituras, é como se fosse uma forma rudimentar de Biblioterapia”. Desta forma, os conhecimentos lecionados em ambas as disciplinas podem colaborar na formação do bibliotecário biblioterapeuta.

Por fim, a disciplina que talvez melhor dialogasse diretamente com o tema é **Informação em Saúde**, porém sua ementa visa mais a formação de um bibliotecário gestor de informações em saúde do que um agente de atuação intervencionista. Dentro das temáticas de

saúde abordadas no conteúdo programático, a questão da saúde mental pode ser mencionada e fornecer ao estudante conhecimentos acerca do tema que poderão ser úteis ao realizar as ações de intervenção cultural nas unidades de tratamento psicossocial e com os sujeitos acometidos por depressão. Contudo, por se voltar mais para uma visão tecnicista da produção, uso e fluxo da informação nestes ambientes, a formação do biblioterapeuta não será bem desenvolvida no componente em questão.

O segundo eixo, *Disciplinas de Atividades Aplicadas*, diz respeito aos componentes curriculares que possuem um diálogo com a questão da biblioterapia e da mediação cultural e de leitura em contextos de depressão, mas que não são necessariamente abordadas em seu conteúdo programático. Entretanto, atividades aplicadas no contexto de biblioterapia e depressão podem ser realizadas pelo professor no transcorrer do semestre letivo.

A matéria **Políticas de Informação e Cultura** já foi avaliada em parágrafos anteriores como uma das que melhor colabora na formação do bibliotecário mediador cultural, desta forma, ela também demonstra potencial para a formação do bibliotecário biblioterapeuta num contexto de depressão ao versar sobre políticas e projetos culturais voltados para nichos sociais. O professor que lecionar a disciplina poderá realizar atividades com a elaboração de projetos culturais voltados para intervenções em clínicas de reabilitação psicossocial, como ações voltadas para a Rede de Atenção Psicossocial e projetos culturais que dialoguem com o Plano de Prevenção ao Suicídio mencionado no capítulo primeiro. Ao realizar essas ações, o aluno que se interessar pela biblioterapia terá aptidão e conhecimento prático na elaboração de projetos que usam da biblioterapia como ferramenta e as ações culturais de leitura e mediação em hospitais e em ambientes de fragilidade emocional e social como asilos.

Em seguida, tanto **Tipologia de Bibliotecas** quanto **Ações, Instituições e Bens Culturais** servem da mesma forma na formação do bibliotecário biblioterapeuta na UFPE. As duas também já foram vistas de maneira positiva enquanto criadoras de mediadores culturais e, por esse modo, os professores que lecionarem estas cadeiras poderão abordar as bibliotecas hospitalares e as ações culturais que podem ser realizadas nestes ambientes. Ao falar de depressão, os professores podem orientar os alunos enquanto a criação de atividades e ações em instituições de cultura – que não necessariamente fiquem em ambientes hospitalares – que possam abordar a promoção da saúde mental, a prevenção ao suicídio e o combate à depressão.

O terceiro e último eixo, *Disciplinas de Desenvolvimento Específico* são aquelas cuja ementa e conteúdo programático abrem um espaço claro para o debate acerca das questões de biblioterapia, informação e saúde mental e a atuação do bibliotecário nesses ambientes.

A primeira delas, **Informação e Sociedade** possui em sua ementa como um dos objetivos de debate a “Inclusão social e democratização da informação” (2013). Partindo desse objetivo, a questão dos indivíduos acometidos por depressão que se encontram afastados do convívio social e, por consequência, longe da dinâmica informacional e interativa da sociedade, podem se trazida para a respeito de quais formas os bibliotecários podem agir para a reinserção desses sujeitos dentro da sociedade, proporcionando uma reabilitação sociocultural. Debater qual o papel do bibliotecário como agente de mudança numa sociedade deprimida e com altas taxas de suicídio, bem como qual o papel da informação e de sua consequente disseminação dentro das matérias de melhora ou piora desses quadros, ou seja, as maneiras corretas como as informações acerca desses assuntos devem percorrer de forma que possa ocorrer uma prevenção efetiva e uma conscientização coletiva acerca do tema.

As disciplinas de **Estágio Supervisionado e Práticas em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, que buscam fazer com que o aluno exerça atividades práticas relacionadas à área, podem servir como um laboratório para que os estudantes realizem suas atividades no Hospital das Clínicas da UFPE, proporcionando a eles uma experiência com a biblioterapia. As disciplinas poderiam servir para que os graduados ganhem experiência com as atividades biblioterapêuticas, conseguindo identificar maneiras de agir dentro do âmbito da saúde no tocante as questões de mediação de leitura por meio de ações culturais nas dependências do Hospital com os acamados e os acompanhantes.

Em seguida temos **Seminários de Leitura**, disciplina eletiva, cuja ementa já foi mencionada e trata da leitura enquanto produção de sentidos. Aqui, a biblioterapia pode ser tratada de maneira específica, debatendo acerca da mediação de leitura em ambientes de fragilidade, o poder da leitura restauradora e desenvolvendo atividades de mediação de leitura em hospitais. É a disciplina de toda a grade curricular que melhor se encaixa na formação de um biblioterapeuta.

Por fim, os **Tópicos Especiais em Biblioteconomia** e em **Recursos e Serviços de Informação** podem ser úteis para alargar os debates acerca do tema. Disciplinas eletivas dispostas em 4 modalidades, suas temáticas são ditadas a gosto do professor a partir de assuntos que o mesmo julgar pertinentes.

Com os **Tópicos Especiais em Recursos e Serviços de Informação**, os professores poderiam abordar a formação de um bibliotecário de referência para a área de saúde e suas competências, trazendo um debate acerca da função do bibliotecário dentro de ambientes hospitalares e permitindo a abertura de horizontes de atuação para os estudantes mostrando o bibliotecário enquanto disseminador da informação dentro desses ambientes e, por consequência, atuando no tocante direto ao que se trata da depressão.

Já os **Tópicos Especiais em Biblioteconomia** seriam a oportunidade para uma disciplina que trate, efetivamente, de biblioterapia, de acordo com os moldes de disciplinas já ministradas no curso de Biblioteconomia da UNIRIO (ALVES, 2017) na qual o tema é tratado em suas nuances teóricas e práticas; discutindo, de maneira mais profunda e detalhada, os tipos de biblioterapia, suas aplicações e as competências necessárias para a atuação de um biblioterapeuta.

Todas as disciplinas mencionadas podem servir para auxiliar no debate acerca do tema e para despertar e incentivar estudantes que por ventura desejem experiência nessa questão. Entretanto, visto que apenas três delas são de caráter obrigatório e que a oferta das demais depende do crivo do Corpo Docente do departamento, o que torna o debate e a formação de profissionais aptos em biblioterapia algo extremamente difícil, existem disciplinas em outros cursos da UFPE – Campus Recife – que o estudante interessado no assunto pode procurar para desenvolver aptidões para se tornar um biblioterapeuta e atuar em questões de depressão e saúde mental.

Quadro 4 - Disciplinas de demais cursos da UFPE - Campus Recife.

DISCIPLINA	CURSO	CENTRO ACADÊMICO	CARÁTER DE OFERTA
Processos socioafetivos	Psicologia	Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)	Obrigatória
Processos psicossociais			
Psicopatologia			
Teorias para intervenção grupal			
Abordagem psicossomática do comportamento humano			Eletiva
Intervenções psicossociais			
Práticas de intervenção em grupo			
Psicologia hospitalar			
Antropologia das emoções 1	Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura)		
Psicologia social	Serviço Social	Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)	Obrigatória
Uso social da informação	Gestão da Informação	Centro de Artes e Comunicação (CAC)	Obrigatória

Fonte: UFPE, 2013⁸

Acredita-se que, cursando essas disciplinas, o graduando interessado conseguirá obter conhecimentos que possam munir-lo de informações acerca do desenvolvimento e comportamento da mente humana, fornecendo-o sensibilidade o bastante para se tornar um biblioterapeuta apto para realizar ações de intervenções e desenvolver atividades biblioterapêuticas como auxílio no tratamento da depressão.

Tornar-se um biblioterapeuta é algo muito individual e parte dos desejos pessoais de cada um. É uma atividade nobre que busca fornecer conforto para sujeitos em situação de fragilidade emocional, e o desenvolvimento de habilidades que busquem prover a

⁸ Disponível em: <https://www.ufpe.br/psicologia-bacharelado-cfch>, <https://www.ufpe.br/ciencias-sociais-bacharelado-cfch>, <https://www.ufpe.br/ciencias-sociais-licenciatura-cfch>, <https://www.ufpe.br/servico-social-bacharelado-ccsa>, <https://www.ufpe.br/gestao-da-informacao-bacharelado-cac>.

sensibilidade e empatia necessária para que tais feitos sejam realizados é algo primordial para uma biblioterapia saudável e eficaz.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos debates e reflexões aqui realizados, posso enfim apresentar uma síntese do que apreendi durante todo esse processo.

Como foi visto, a leitura tem um poder de mudança interna, capaz de construir um novo eu dentro de um indivíduo quebrado que acredita ter se perdido há muito tempo. Ela abre portas para a reflexão, para a autocompreensão e para a reabilitação sociocultural dos sujeitos. Diante do espectro da depressão, com sua silhueta incapacitante, que priva o ser de conviver consigo mesmo e de se sentir parte do mundo, que impede um diálogo claro com a realidade e que condiciona os indivíduos a um lugar de isolamento social, a biblioterapia pode surgir como um alívio e um auxílio. A mediação cultural surge também criando condições para que os sujeitos possam entrar em contato com sua própria cultura e poderem se sentir parte integrante dela, servindo como mecanismo de reabilitação e resgate sociocultural.

É engano pensar que apenas a leitura salvará o indivíduo, esse é um trabalho conjunto no qual ela vai prestar apenas um papel. É um trabalho de amigos, familiares, psicólogos, psiquiatras e bibliotecários estender a mão para esse sujeito e ajudá-lo nesta caminhada tortuosa e difícil para longe dos efeitos da depressão.

Como bibliotecários, mediadores culturais e profissionais da informação inseridos num cotexto social cheio de pormenores e em constante mudança, devemos nos atentar a essa gama de sujeitos muitas vezes escanteados e que estão crescendo com o passar do tempo. Existem algumas ações que podem ser feitas em qualquer tipologia de biblioteca para que se possa quebrar o estigma acerca da depressão e do suicídio, com o objetivo de informar os que desconhecem acerca do tema, auxiliar na detecção de sujeitos que possam estar nessa situação e necessitando de ajuda e, conseqüentemente, ajudar na promoção da saúde mental. Cito abaixo algumas delas:

- A realização de simpósios, palestras e debates com psicólogos e assistentes sociais acerca da depressão e do suicídio, esclarecendo dúvidas e quebrando estigmas. Essa ação poderia ser realizada em qualquer tipologia de biblioteca, porém, poderia ser especialmente realizada em bibliotecas públicas e de alcance maior de grupos maiores;
- A promoção de palestras com dicas sobre os cuidados a serem tidos com a saúde mental, promovendo-a em contextos familiares e comunitários;

- Para bibliotecas escolares, a realização de rodas de diálogos entre pais e profissionais especializados na área da psicologia com o intuito de explicar acerca da ocorrência da depressão e do suicídio na infância e adolescência, como forma de prevenir tais situações e fornecer aos pais a capacidade de identificar possíveis sintomas em seus filhos;
- O fornecimento de informações sobre locais de tratamento gratuito ou de baixo custo para famílias menos favorecidas juntamente com telefones úteis e demais informações julgadas necessárias para a promoção da saúde mental;
- A realização de sessões de meditação coletiva e atividades de relaxamento em grupo;
- Para bibliotecas universitárias, a realização de conversas sobre a saúde mental em ambientes acadêmicos e o fornecimento de serviços e informações para sujeitos acometidos por males mentais e que estão necessitando de ajuda;
- Em ambientes empresariais, a realização de debates acerca da promoção da saúde mental em ambientes de trabalho.

São ações que podem ser realizadas por qualquer bibliotecário em qualquer tipologia de biblioteca e que podem acabar sendo muito úteis para o auxílio na promoção da saúde mental da sociedade e na prevenção a depressão.

Além disso, é necessário lembrar que é dever do Estado a garantia de um serviço de saúde mental público e de qualidade para a população, fornecendo apoio psiquiátrico e psicológico para aqueles que necessitam. Não só isso, como é dever dele também o fornecimento do acesso a leitura para as comunidades carentes e a população geral por meio do financiamento e valorização das bibliotecas públicas e escolares, permitindo uma democratização, não só da leitura, como da informação e do conhecimento. Os governantes desta nação necessitam cumprir seus deveres enquanto líderes do poder público e agir no tocante das necessidades de seu povo. Devemos ter acesso à saúde e a leitura, pois possuímos o direito de termos qualidade de vida e acesso aos bens culturais. O Estado não pode ser omissor e sucatear serviços públicos de saúde mental e de democratização da leitura por meio do corte de verbas e da não-valorização desses ambientes; são necessárias ações de resgate e reavivamento desses locais. Nós, como cidadãos, membros de uma sociedade e participantes da dinâmica sociopolítica do país não podemos ficar parados diante de retrocessos e devemos nos unir e cobrar dos agentes do poder público seus deveres e ações com a população. Não podemos ficar calados.

Ademais, os bibliotecários que estão sendo formados nas universidades, em especial na UFPE, precisam ser incentivados para sua função como mediadores culturais e de leitura e como agentes de mudança social. As poucas disciplinas obrigatórias que constam na grade curricular não são o bastante para garantir isso. É necessária uma reavaliação da forma como a academia está tratando o fator cultural da biblioteconomia e quais as questões sociais que estão em voga no momento e que dizem respeito a nossa atuação enquanto profissionais.

Como novos horizontes de pesquisa, de forma a alargar o estudo e incentivar a produção bibliográfica sobre o tema, sugere-se então um estudo de caso acerca da influência da leitura no tratamento da depressão, juntamente com novos estudos acerca do papel do bibliotecário na prevenção ao suicídio, questões de mediação de leitura e promoção da saúde mental, bem como o papel da biblioteca no tocante ao mesmo. Desta forma, novos olhares e perspectivas podem ser lançados sobre a questão e o tema em questão poderá continuar a ser debatido.

Por fim, a depressão é uma questão delicada, que necessita de atenção e cuidado. Possuir um transtorno mental é algo doloroso; é habitar um lugar sombrio, frio e muitas vezes solitário, onde nem sempre se é compreendido e onde muitas vezes você acorda com a sensação de simplesmente querer sumir, pois isso seria muito mais fácil. A compaixão, a empatia, um toque humano, o carinho e mostrar que se importa podem ser o bote salva-vidas para muitos que estão nessa situação, para nos ajudar a reencontrar a nós mesmos quando às vezes nem gostaríamos de ser.

Ler para alguém em dor é construir uma ponte para fora dos males, é fornecer um ombro amigo para alguém que chora, é dar conforto para quem muito necessita. Mas, principalmente, é mostrar ao outro que ele não está só, que ainda há esperança no fim de tudo e que há um mundo muito mais belo longe de toda a tristeza pronto para ser descoberto, visto, sentido, vivido e, por fim, lido.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006. 128 p.
- ABREU, M. Diferentes formas de ler. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001c, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: INTERCOM, 2001c. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marica.htm>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- ALMEIDA JR., O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- ALVES, M. A. M. Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de Biblioteconomia da UNIRIO. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 2017. v. 13, p. 2065 - 2077. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1021>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 278-27.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 193 p.
- BARZOTTO, V. H.; BRITTO, L. P. L. Promoção da leitura x mitificação da leitura. **Boletim ALB**, Rio de Janeiro, n. 3, 3 p., ago. 1998.
- BALBINOTTI, S. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n.1, p. 43-50, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/32891>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- BENTES PINTO, V. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-37862005000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 26 nov. 2018.
- BORTOLIN, S.; SILVA, S. da. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 52-74, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/24468>. Acesso em: 15 set. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.659, de 14 de Novembro de 2018. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 220, p. 87, 16 nov. 2018. Disponível em: http://www.imprensa nacional.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/50486628/do1-2018-11-16-portaria-n-3-659-de-14-de-n. Acesso em: 29 nov. 2018.

BRITTO, L. P. L. Leitura: acepções, sentidos e valor. **Nuances**: estudos sobre educação, São Paulo, v. 21, n. 22, p. 18-31. jan./abr. 2012. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1619/1555>. Acesso em: 15 set. 2018.

BRITTO, L. P. L. Leitura e política. *In*: EVAGELISTA, A. A.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 76-91.

CALDIN, C. F. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.

CANALE, A.; FURLAN, M. M. D. P. Depressão. **Arq. Mundi.**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 23-31, 2006. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/19922>. Acesso em: 06 ago. 2018.

CANDIDO, A. A consciência literária. *In*: _____. **Formação da literatura brasileira**. 8. ed., v. 2. Belo Horizonte: Editora Italiana Limitada, 1997. p. 285-327.

CARDOSO, L. R.D. Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 479-489, out./dez. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/psicologia-argumento/articulo/psicoterapias-comportamentais-no-tratamento-da-depressao>. Acesso em: 06 ago. 2018.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985. 118 p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FLOYD, M. Bibliotherapy as an adjunct to psychotherapy for depression in older adults. **JCLP/In Session: Psychotherapy in Practice**, [Estados Unidos?], v. 59, n. 2, p. 187-195, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jclp.10141>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. *In*: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. p. 107-116.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde 2013**: percepção do estado de saúde, estilo de vida e doenças crônicas: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 181 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=291110>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LAJOLO, M. **O que é leitura**. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 98 p. (Coleção Primeiros Passos).

LEITURA. *In: Dicio*: dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/leitura/>. Acesso em: 05 out. 2018

LIMA, C. de B.; PERROTTI, E. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. *Inf. Prof.*, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161-180, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MEDIAÇÃO. *In: Dicio*: dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mediacao/>. Acesso em: 19 nov. 2018

MELO, J. M. de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. *In: BARZOTTO, V. H. (org.). Estado de leitura*. São Paulo: Associação da Leitura do Brasil, 1999. p. 61-94.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Agenda de ações estratégicas para a vigilância e prevenção do suicídio e promoção da saúde no Brasil: 2017 a 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 34 p. Disponível em: <http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/17-0522-cartilha---Agenda-Estrategica-publicada.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de saúde mental, álcool e outras drogas**. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/politica-nacional-de-saude-mental-alcool-e-outras-drogas>. Acesso em: 09 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Rede de atenção psicossocial (RAPS)**. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/rede-de-atencao-psicossocial-raps>. Acesso em: 09 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Suicídio: saber, agir, prevenir. **Boletim Epidemiológico**, Brasil, v. 48, n. 30, 14 p. 2017. Disponível em: <http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-aten--ao-a-sa--de.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.

NARDI, A. E. **Questões atuais sobre depressão**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo. Lemos: 2006. 269 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993. 351 p.

PAJEÚ, H. M. Leitura e autoria sob uma perspectiva dialógica no curso de Biblioteconomia da UFPE: a vivência da disciplina Seminários de Leitura. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2016, Bahia. **Anais...** Disponível em: <http://www.brapi.inf.br/index.php/article/view/0000022013/563a0539be3af7f838766b70943a4f5a>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, maio. /ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 19 nov. 2018.

- PETIT, M. **Leitura**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013. 168 p.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009. 192 p.
- PONZIO, A. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 330 p.
- SANTOS, R. B. R. dos. **Formando leitores no ensino de outra língua**: uma análise de representações de leitura compartilhadas por professores de língua espanhola. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 2017.
- SILVA, A. M. C. **Biblioterapia aplicada em contexto de Saúde mental**: um estudo de caso. 2014. 215 f. Dissertação (Mestre em Ciências Documentais) – Departamento de Ciências da Comunicação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2014.
- SILVA, L. C. da; ANDRADE NETA, N. F. Leitura e saúde emocional. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n], ano. p. 1169-1177. Disponível em: <<http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/nair3.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Departamento de Ciência da Informação. **Projeto político pedagógico do curso de graduação em Biblioteconomia** Recife: DCI, 2011. Disponível em: <https://biblioteconomiaufpe.wordpress.com/projeto-pedagogico/ppc-de-biblioteconomia-perfil-0406/>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Classification of diseases (ICD)**. Disponível em: <http://www.who.int/classifications/icd/en/>. Acesso em: 06 ago. 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression**. Disponível em: <http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>. Acesso em: 06 ago. 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: WHO, 2017. 22 p. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/management/depression/prevalence_global_health_estimates/en/. Acesso em: 09 set. 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health action plan 2013 – 2020**. Geneva: WHO, 2013. 45 p. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/publications/action_plan/en/. Acesso em: 09 set. 2018.
- ZILBERMAN, R. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, V. H. (org.). **Estado de leitura**. São Paulo: Associação da Leitura do Brasil, 1999. p. 31-46.